

**UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO  
GRANDE DO SUL**

Departamento de Economia e Contabilidade  
Departamento de Estudos Agrários  
Departamento de Estudos da Administração  
Departamento de Estudos Jurídicos

**CURSO DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO**

**MAGNUS DE SOUZA**

**DINÂMICA E PERSPECTIVAS DA AGRICULTURA DO  
MUNICÍPIO DE MARAVILHA – SANTA CATARINA**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**MAGNUS DE SOUZA**

**DINÂMICA E PERSPECTIVAS DA AGRICULTURA DO  
MUNICÍPIO DE MARAVILHA – SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* (Mestrado) em Desenvolvimento, área de concentração: Gestão e Políticas de Desenvolvimento, linha de pesquisa: Integração Regional e Desenvolvimento Local Sustentável, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Professor Doutor Arlindo Jesus Prestes de Lima

Ijuí – RS  
2009

UNIJUÍ - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento – Mestrado

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação

**DINÂMICA E PERSPECTIVAS DA AGRICULTURA DO MUNICÍPIO  
DE MARAVILHA – SANTA CATARINA**

elaborada por

**MAGNUS DE SOUZA**

como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Mestre em Desenvolvimento

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Arlindo Jesus Prestes de Lima (UNIJUÍ): \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Vilmar Antônio Boff (URI): \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Benedito Silva Neto (UNIJUÍ): \_\_\_\_\_

Ijuí (RS), 27 de março de 2009.

## DEDICATÓRIA

A minha esposa Márcia, ao meu filho Breno e aos meus pais, pelas preocupações e privações que passaram por minha causa, pelo amor e estímulo, estou dedicando esta conquista como gratidão.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por guiar os meus passos, dando saúde, coragem e força de vontade para enfrentar este desafio. Obrigado Senhor.

Ao Professor Doutor Arlindo Jesus Prestes de Lima pela orientação na elaboração desta dissertação, pelo privilégio de compartilhar de seu conhecimento e amizade. Muito obrigado.

Aos professores, colegas e funcionários do mestrado, pela amizade e companheirismo desenvolvidos durante o curso. Obrigado.

Aos produtores rurais do município de Maravilha pela disponibilidade e atenção em prestar informações para a elaboração do estudo. Muito Obrigado.

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de mostrar a dinâmica da agricultura no processo de desenvolvimento do município de Maravilha, buscando estudar a origem e a evolução do setor agrícola que proporcionaram a diferenciação socioeconômica dos agricultores. Para realizar o trabalho foi adotado o método da análise diagnóstico de sistemas agrários, sendo que com este método foi possível identificar os principais métodos e sistemas praticados pelos agricultores. O estudo foi dividido em etapas, sendo que a primeira parte foi à identificação de zonas com características socioeconômicas e geográficas semelhantes. Na seqüência foi feito o levantamento histórico, sendo possível identificar a origem das famílias que vieram a colonizar a região, os motivos, as condições técnicas e econômicas das mesmas. Nesta etapa da pesquisa foram identificados períodos distintos no processo de colonização e ocupação do município, bem como, os condicionantes que deram impulso para as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Na seqüência foram identificados os tipos de agricultores, sendo encontrados nove tipos que representam os agricultores do município, bem como, suas condições técnicas e econômicas. Nesta etapa foi levantado o que cada tipo de agricultor produz e como é feito o trabalho, sendo realizada na seqüência uma avaliação econômica, tendo como objetivo principal, analisar as condições de reprodução social dos agricultores. Nesta análise foi possível identificar alguns tipos que estão em situação de estagnação econômica sem condições de progredir economicamente, outros em estado razoável e alguns em boas condições econômicas, tendo uma renda elevada com as atividades desenvolvidas. Com base nos dados da pesquisa, é possível concluir que a dinâmica da agricultura do município de Maravilha, encontra-se em uma situação de acumulação de capital desigual entre os tipos de agricultores. Para tentar atenuar essas diferenças foram propostas políticas de desenvolvimento socioeconômico, priorizando os que estão descapitalizados e aqueles em processo de descapitalização, que atualmente não conseguem se reproduzir do ponto de vista socioeconômico.

Palavras-chave: dinâmica agrária, sistemas agrários, tipos de agricultores, sistemas de produção, agricultura familiar.

## ABSTRACT

This paper aims to show the dynamics of agriculture in the development process of *Maravilha* City, studying the origin and development that provided the socioeconomic differences of the farmers. To realize the work it was used the method of diagnostic analysis of agrarian systems, and then with this method it was possible to identify the main methods and systems practiced by the farmers. The study was divided into stages, being the first step to identify areas with similar geographic and socioeconomic characteristics. Following the survey it was made the historical search, being possible to identify the origin of the families that colonized the region, their reasons, the technical and economic conditions of them. In this stage of the research it was identified distinct periods in the process of colonization and occupation of the city as well as the conditions that gave propulsion to the changes over time. In the sequence, the types of farmers were identified, and it was found nine types that represent the farmers of the county, as well as their technical and economic conditions. In this stage it was raised what each type of farmer produce and how they work, being done an economic evaluation with the main objective to examine the conditions of social reproduction of the farmers. With this analysis it was possible to identify that some farmers are in a situation of economic stagnation and are unable to succeed economically, some are in a reasonable situation and some are in a good economic condition having a high income with the activities. Based on the data of the research, it is possible to conclude that the dynamics of agriculture in *Maravilha* City is in a situation of uneven proportion of capital between the types of farmers. To try to minimize these differences it was proposed policies for socioeconomic development, emphasizing those who are decapitalized and those who are in process of decapitalization, that at present they couldn't get to reproduce from the socioeconomic point of view.

Keywords: agrarian dynamics, systems of production, Types of Farmers, Socioeconomic Development, family agriculture.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
1.1 Evolução e diferenciação da agricultura.....	16
1.2 Projetos de desenvolvimento agrícola.....	20
1.3 Sistemas agrários e reprodução social na agricultura.....	22
2. METODOLOGIA.....	26
2.1 Análise global da agricultura .....	27
2.1.1 Coleta e análise dos dados secundários.....	27
2.1.2 Leitura da paisagem e zoneamento agroecológico.....	28
2.1.3 Análise da formação histórica da agricultura.....	28
2.1.4 Tipologia das unidades de produção.....	29
2.2 Análise dos sistemas de produção.....	31
2.3 Elaboração de linhas estratégicas de desenvolvimento.....	33
3 A DINÂMICA DA AGRICULTURA DO MUNICÍPIO DE MARAVILHA – SC.	34
3.1 O setor agrícola no estado de Santa Catarina.....	34
3.2 Características gerais do município de Maravilha.....	36
3.3 O agroecossistema social produtivo.....	42
3.3.1 Zona 1: Região norte do município.....	43
3.3.2 Zona 2 – Área central do município.....	44
3.3.3 Zona 3 – Região sul.....	44
3.4 Evolução histórica da agricultura.....	45
3.4.1 Período pré-colonial (até 1940).....	47
3.4.2 Período da agricultura colonial (1940 – 1970).....	49

3.4.3 Período de modernização da agricultura (1970 – 1990).....	52
3.4.4 Período de diversificação da agricultura (1990 – 2008).....	55
3.5 Tipos de unidades de produção e reprodução social dos agricultores.....	56
4 RESULTADOS ECONÔMICOS DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO.....	62
4.1 ANÁLISE INDIVIDUAL DOS TIPOS DE PRODUTORES.....	62
4.1.1 Familiar Minifundiário Tração Animal (TA) – Fumo/grãos/subsistência.....	62
4.1.2 Familiar Tração Animal (TA) – Fumo/leite/grãos/subsistência.....	64
4.1.3 Familiar Tração Animal (TA) – Aves/fumo/leite/grãos/subsistência.....	66
4.1.4 Familiar Tração Animal (TA) – Aves/leite/grãos/subsistência.....	67
4.1.5 Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Fumo/grãos/subsistência.....	69
4.1.6 Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) - Leite/grãos/subsistência.....	70
4.1.7 Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Grãos/subsistência.....	71
4.1.8 Familiar Tração Mecanizada Completa (TMC) – Grãos/subsistência.....	73
4.1.9 Familiar Tração Mecanizada Completa (TMC) - Grãos/leite/eucalipto/subsistência.....	74
4.2 ANÁLISE COMPARATIVA DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO.....	75
5 LINHAS ESTRATÉGICAS DE DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA.....	78
CONCLUSÃO.....	81
REFERÊNCIAS.....	84

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do estado de Santa Catarina .....	36
Figura 2: População rural e urbana entre os anos de 1960 e 2007.....	38
Figura 3: Temperaturas médias mensais (°C) na região do Extremo Oeste de Santa Catarina. Controle: São Miguel do Oeste.....	39
Figura 4: Precipitação pluviométrica – Maravilha – 1978, 1992 e 2002 (em mm).....	40
Figura 5: Mapa das zonas agrícolas.....	42
Figura 6: Modelo da Composição da Renda Agrícola do Tipo Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Fumo/Subsistência.....	63
Figura 7: Modelo da Composição da Renda Agrícola do Tipo Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Fumo/Leite/Subsistência.....	65
Figura 8: Modelo da Composição da Renda Agrícola do Tipo Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Leite/Fumo/Aves/Subsistência.....	67
Figura 9: Modelo da Composição da Renda Agrícola do Tipo Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Leite/Aves/Subsistência.....	68
Figura 10: Modelo da Composição da Renda Agrícola do Tipo Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Milho/Fumo/Subsistência.....	69
Figura 11: Modelo da Composição da Renda Agrícola do Tipo Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Milho/Leite/Subsistência.....	71
Figura 12: Modelo da Composição da Renda Agrícola do Tipo Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Soja/Milho/Subsistência.....	72
Figura 13: Modelo da Composição da Renda Agrícola do Tipo Familiar Tração Mecanizada Completa (TMC) – Milho/Trigo/Soja/Subsistência.....	73
Figura 14: Modelo da Composição da Renda Agrícola do Tipo Familiar Tração Mecanizada Completa (TMC) – Soja/Milho/Leite/Eucalipto/Subsistência.....	75

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Valor adicionado por atividade econômica em 2005.....	39
Tabela 2: Situação da ocupação da terra.....	41
Tabela 3: Tamanho das propriedades em hectares.....	41
Tabela 4: Síntese da história agrária do município de Maravilha – SC.....	48
Tabela 5: Superfície de área mínima e nível de reprodução social.....	60
Tabela 6: Área por Unidade de Trabalho Familiar e Valor Agregado por Unidade de área dos Sistemas de Produção.....	76

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ADSA – Análise Diagnóstico de Sistemas Agrários

AMERIOS – Associação dos Municípios do Entre-rios

a – Contribuição marginal da renda agrícola

b – Gastos não proporcionais

CI – Consumo intermediário

D – Depreciação

GP – Gastos proporcionais

GNP – Gastos não proporcionais

GINI – Coeficiente para medir a concentração de renda

ha – Hectar

I – Impostos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IDH-M – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

J – Juros

NRS – Nível de Reprodução Social

PB – Produto Bruto

PIB – Produto Interno Bruto

PIB per capita - Produto Interno Bruto per capita

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PW – Produtividade do Trabalho

RA – Renda Agrícola

RT – Renda Total

RW – Remuneração do Trabalho

S – Salário

SAU – Superfície de Área Útil

sdP – Sistema de Produção

T – Arrendamento pago ao proprietário da terra

TSA – Teoria dos Sistemas Agrários

TA – Tração Animal

TMI – Tração Mecanizada Incompleta

TMC – Tração Mecanizada Completa

UT – Unidade de Trabalho

UTF – Unidade de Trabalho Familiar

UPA – Unidade de Produção Agropecuária

VA – Valor Agregado

VAB – Valor Agregado Bruto

## INTRODUÇÃO

A história mostra que a evolução social e econômica da humanidade é fruto do desenvolvimento da capacidade de usar os recursos naturais. A prática de cultivar espécies vegetais e domesticar animais foi uma das primeiras formas de exploração efetiva do meio ambiente. Assim, a agricultura foi evoluindo com o uso de ferramentas e técnicas cada vez mais avançadas, passando por períodos de crise e chegando ao ápice do desenvolvimento tecnológico, fazendo uso de máquinas e técnicas capazes de mudar a genética das espécies.

Essa evolução que tomou conta das práticas agrícolas veio a contribuir para o aumento da diferenciação entre os sistemas de produção, além de promover os detentores de capital e estagnar aqueles que não conseguiram a inclusão nesses novos meios de produção, como o sistema de produção intensivo, usando sementes híbridas e defensivos químicos.

O desenvolvimento de um sistema agrário resulta da dinâmica de suas unidades de produção e das interferências que este sofre. Segundo alguns autores, entre eles Marc Dufumier (2007), não existem sistemas agrários independentes ou que não sofrem ou sofreram interferências externas. Como foi citado acima, o setor agrícola é parte importante na economia da maioria das nações, sendo que grande parte dessas faz uso de estratégias e políticas que venham a beneficiar os seus membros.

Frente a tanta complexidade e importância do setor agrícola, é que surgiu o interesse em realizar o estudo da dinâmica da agricultura do município de Maravilha/SC. Esse trabalho veio suprir a necessidade de conhecer os condicionantes do desenvolvimento econômico do município, ter uma base com dados concretos sobre os diferentes sistemas de produção e os tipos de agricultores que compõem esse quadro.

Com informações detalhadas é possível promover políticas de desenvolvimento, com mais probabilidade de acerto, a vista que, não é possível promover mudanças ou mesmo soluções se o problema não é conhecido.

A hipótese é que os agricultores do município de Maravilha possuem uma diferenciação no processo de desenvolvimento socioeconômico desde a colonização. As desigualdades econômicas e sociais entre as unidades de produção ou entre regiões do município, iniciaram com a compra das áreas de terra, aonde aqueles providos de mais recursos financeiros adquiriram as melhores áreas e tiveram ao longo do tempo acesso as melhores políticas e programas de desenvolvimento do setor. Portanto, procurou-se encontrar entre as unidades de produção, dados que comprovem essa diferenciação no potencial de reprodução social.

O processo de desenvolvimento de um sistema agrário se constitui principalmente na capacidade de mudança progressiva no processo de produção, incluindo um melhoramento no meio cultivado, das condições técnicas de trabalho e produção e da satisfação das necessidades sociais. Partindo desse pressuposto, entende-se que a diferenciação entre as unidades de produção tende a se acentuar, onde aqueles que já possuem uma boa estrutura econômica podem usufruir das melhores áreas de terras e se beneficiar dos programas de instituições públicas e privadas.

Os objetivos desse trabalho foram divididos em geral e específicos.

O objetivo geral é o de analisar o processo de desenvolvimento e as perspectivas da agricultura do município de Maravilha, com vistas a subsidiar o debate e decisões estratégicas sobre as alternativas de desenvolvimento agrícola local.

Os específicos são:

- Analisar o processo de evolução e diferenciação das condições e formas de produção na agricultura do município;
- Analisar, do ponto de vista técnico e econômico, os sistemas de produção desenvolvidos pelos diferentes tipos de agricultores;
- Analisar a problemática, as perspectivas e as condições de desenvolvimento da agricultura.

O trabalho está organizado em cinco capítulos, os quais são divididos em seções.

O primeiro capítulo é reservado para a fundamentação teórica, com destaque para o surgimento e evolução da agricultura no mundo, bem como, os condicionantes que levaram o setor agrícola passar por diversas fases, alternando entre períodos de crise econômica e de evolução tecnológica.

No segundo capítulo é explicado sobre a metodologia aplicada na pesquisa, sendo usado o método da análise e diagnóstico de sistemas agrários. Em diferentes seções são explicados os procedimentos adotados, como a análise global da área de estudo, a coleta e análise dos dados secundários, leitura da paisagem e zoneamento, análise histórica, tipologia, análise técnica e econômica, avaliação econômica e elaboração de linhas estratégicas de desenvolvimento.

A dinâmica da agricultura no município de Maravilha é abordada no terceiro capítulo, fazendo valer de informações gerais da área de estudo, o zoneamento do agroecossistema social produtivo, a evolução histórica da agricultura, os tipos de agricultores e os sistemas de produção.

A análise técnico-econômica dos tipos de agricultores é feita no quarto capítulo, fazendo uma análise individual de cada tipo de agricultor. Nesta parte do trabalho é detalhada a situação econômica dos tipos representativos dos agricultores, visando saber a capacidade de reprodução social dos mesmos, comparando entre os tipos semelhantes e os que se diferenciam em relação à área e sistemas de produção.

O quinto e último capítulo é reservado para a elaboração de linhas estratégicas de desenvolvimento e o público alvo de intervenções. São propostas medidas que venham a diminuir a diferenciação socioeconômica existente, buscando priorizar aqueles que estão descapitalizados e os que estão em processo de descapitalização, sendo estes, os que se encontram abaixo ou próximos do nível de reprodução social e que sozinhos não conseguiram obter êxito.

## **1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1 Evolução e diferenciação da agricultura**

A agricultura é a arte ou processo de usar o solo com o objetivo de cultivar plantas para o fornecimento de alimentos e matéria-prima para outros fins. A sua prática muito provavelmente teve início há aproximadamente 12 mil anos, com povos da pré-história, período neolítico na região do Oriente Médio. Desde então, a agricultura humana conquistou o mundo, tornando-se o principal fator de transformação da ecoesfera, e os seus ganhos de produção e de produtividade condicionaram respectivamente o aumento do número dos homens e o desenvolvimento de categorias sociais que não produzem, elas próprias, os seus alimentos, mas que indiretamente dependem dela. (MAZOYER, ROUDART, p. 73, 2001).

A origem da agricultura como tal, não é entendida como uma simples mudança no sistema de obtenção de alimentos. O seu desenvolvimento é creditado a um conjunto de fatores em períodos subseqüentes, levado principalmente pelo aumento da população, tendo como resultado uma demanda maior de alimentos. Portanto, a prática agrícola foi sendo adotada de acordo com a necessidade e condições técnicas de cada época.

Apesar da existência de conhecimentos do cultivo de espécies vegetais e domesticação de animais ainda no final do período paleolítico, a agricultura somente ocupou seu espaço quando o tempo para coletar e caçar era maior do que o período de cultivo. Isso ocorreu no momento em que as aldeias estavam muito próximas umas das outras, diminuindo o espaço que cada indivíduo dispunha para encontrar o alimento, passando a ser viável produzir o alimento do que ir procurá-lo. Como já dispunham de todas as ferramentas necessárias, e já domesticam animais e plantas, os povos neolíticos

somente intensificaram o uso dessa prática, quando esta se tornou mais vantajosa do que a predação. (MAZOYER, ROUDART, p. 73, 2001).

Além destes motivos, a evolução no quesito organização social, também foi fator determinante para a prática de atividades agrícolas. O uso da terra em um período que não existia a posse individual gerava insegurança sobre o plantio e colheita, além de uma constante dificuldade na manutenção de reservas de sementes e de animais de reprodução, a fim de garantir futuras safras e renovação dos rebanhos.

Saindo da Pré-História, passando pela Idade Antiga, até chegar à Idade Média, a agricultura passou por evoluções e adaptações. O simples uso da terra com adubação natural através de períodos de repouso, evoluiu para um sistema de cultivo extensivo, fazendo-se valer de maquinários aperfeiçoados, os quais colaboraram para o aumento da produtividade e da predação do meio natural.

A revolução agrícola na Idade Média, levou a economia rural dos povos ocidentais ao limiar dos tempos modernos. Essa revolução agrícola alimentou uma expansão populacional, econômica e urbana nunca antes visto, chegando ao fim com a forte crise do século XIV, durante a qual morreu mais da metade da população européia.

Desde a crise na agricultura européia no século XIV, sucederam-se períodos de recuperação do setor e novas crises, até que o surgimento de novas modalidades de cultivo, as quais conseguiram manter certa estabilidade entre os séculos XVII e XVIII. Isso pode ter acontecido porque o uso da cultura atrelada pesada se estendeu muito além da Idade Média.

Ao término da Idade Média, a Europa já tinha passado por três revoluções agrícolas: a neolítica, a antiga e a medieval. Passando por revoluções constantes, a prática agrícola européia entre os séculos XVI e XIX, alcançou uma nova etapa de evolução, atingindo a primeira revolução agrícola dos tempos modernos, assim chamada por se desenvolver atrelada a primeira revolução industrial.

Para Mazoyer e Roudart (2001 p 304-305), o desenvolvimento combinado das revoluções agrícolas, industrial e comercial, não pode, por isto, ter lugar em todos os países senão na seqüência de um vasto conjunto de reformas que instauraram a livre disposição da terra, a liberdade de empreender e comerciar, e a livre circulação de pessoas e bens. À medida que as relações sócias e econômicas da humanidade foram evoluindo, as atividades de trabalho e uso da terra também obtiveram avanços.

A revolução agrícola condicionou o desenvolvimento industrial, principalmente sobre o aspecto econômico de algumas nações, mas, acima de tudo, a Revolução Industrial e a urbanização foram fortes e decisivos contribuintes na propagação da agricultura moderna com alta produtividade. Desta maneira, nasceu um novo sistema econômico e social, do qual o capitalismo industrial, agrícola, comercial e bancário constituem sem duvida a novidade mais incontestável.

Após a segunda Guerra Mundial emergiram no meio agrícola, transformações nunca antes presenciadas. A mecanização do trabalho e a evolução nos transportes, fizeram com que aquelas regiões ainda não assistidas pela agricultura moderna passassem a fazer parte desse novo contexto de produção em larga escala. Mas, esse avanço não aconteceu simultaneamente e na mesma proporção em todas as partes do Planeta, levado pelas condições econômicas diferenciadas de cada região e até mesmo entre localidades isoladas, ocasionando o desenvolvimento daqueles com capacidade de adequação e a estagnação dos que já estavam em situação desfavorável.

Existe nas mais diversas regiões do Planeta, sistemas de produção mais especializados e rentáveis que outros. Esses sistemas, que depende das condições físicas e econômicas da região, é precisamente os que tendem a adotar a maior parte das explorações em desenvolvimento da região, o que leva a uma acentuada especialização regional. (MAZOYER, ROUDART, 2001, p. 368). Também, existem regiões em que a agricultura moderna não chegou e dificilmente vai chegar, as quais tendem a continuar inseridas em sistemas rudimentares.

A agricultura moderna teve início na Europa ainda no início do século XIX, mas o seu ápice foi após a Segunda Guerra Mundial. O crescimento do uso de fertilizantes

químicos veio associado com a motomecanização agrícola nas colônias de povoamento europeu, estabelecidas nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e Argentina. Esse avanço modernista ficou restrito a algumas regiões, sendo que na maioria das demais áreas produtivas predominavam a tração animal no manuseio e cultivo da terra.

A Revolução Verde<sup>1</sup> não se caracterizou apenas pelo aumento da produtividade e agilidade na produção. Aos poucos, novos conceitos de uso da terra, bem como das espécies cultivadas, moldaram a economia e a sociedade. A compra de sementes modificadas e o uso de máquinas podem ser considerados um agravante no crescente êxodo rural, onde aqueles que não conseguem se adequar aos novos métodos vão vender sua força de trabalho nos centros urbanos, ou ficam a margem da produção em larga escala.

Desde o surgimento da agricultura, as mudanças no setor sempre geraram outras transformações que podem ser avaliadas de ângulos diferentes. O uso do fogo para queimar a vegetação, facilitando o plantio, foi considerado um grande avanço para a época, mas também deu início aos primeiros tipos de degradação ambiental. O novo modelo agrícola adotado com o uso de charruas e arados veio ao encontro da necessidade de preparar melhor o solo e colher os produtos, mas, causando sérios problemas de erosão.

Mais tarde, o surgimento das espécies híbridas e o uso de máquinas foi saudado como a grande esperança no aumento da produtividade. Pouco é relatado sobre a extinção de várias espécies de plantas e a marginalização causada pela diminuição da mão-de-obra no campo, levada pelo uso dos tratores e das colheitadeiras, ocasionando sérios problemas nos centros urbanos. “[...] A agricultura moderna será perigosa, como foram todas as novas agriculturas antes dela, enquanto o uso dos novos meios e dos novos métodos de produção não tiver sido temperado para evitar os seus abusos e os seus inconvenientes [...]”. (MAZOYER, ROUDART, p 429, 2001).

Após mais de dez mil anos de evolução, a agricultura mundial alcançou um patamar de diferenciação nunca antes presenciado. Tal evolução e diferenciação

---

<sup>1</sup> A Revolução Verde é considerada a revolução agrícola dos tempos modernos.

acentuaram-se após as revoluções agrícolas contemporâneas, as quais multiplicaram em algumas dezenas de vezes a produção agrícola dos países industrializados, incluindo também o aumento da produção em regiões isoladas de países em desenvolvimento, as quais por possuírem algum diferencial econômico ou ambiental, conseguiram superar as dificuldades.

Com a revolução nos transportes, a concorrência entre as regiões desenvolvidas com maior potencial de produção a preços mais baixos e as regiões menos favorecidas com a modernização agrícola, tornou-se fator decisivo para a continuação do desenvolvimento econômico de alguns países ou regiões e para o esgotamento ou falência daqueles sistemas desprovidos de capitais para modernizar a produção. Esse processo não afetou a totalidade do campesinato que usa a produção manual ou com tração animal, mas sim, aqueles produtores com menor grau de reprodução econômica das regiões igualmente desprovidas de desenvolvimento econômico. (MAZOYER, ROUDART, 2001, p 435).

Principalmente, após a Segunda Guerra mundial, grandes grupos empresariais passaram a investir em pesquisas e centros experimentais a fim de selecionar variedades de alto rendimento para regiões com solo e clima distintos. Esse processo levou ao surgimento de conglomerados de produção e redes de distribuição de componentes a fim de viabilizar a produção de tais espécies selecionadas. Mas, por mais importante que fosse os avanços de produtividade e lucro, tanto por parte das empresas de sementes e fertilizantes quanto por parte destes produtores privilegiados, tal revolução continuou marginalizando o campesinato pobre.

## **1.2 Projetos de desenvolvimento agrícola**

Por se tratar de um setor de fundamental importância para a sustentação econômica da maioria das nações, o setor agrícola é um dos que mais sofre intervenções. Essas intervenções podem ser através de programas destinados diretamente ao setor ou mesmo por políticas cambiais. Assim, o setor e aqueles que dependem dele diretamente, caso dos agricultores, ficam a mercê da atuação dos governantes ou das grandes empresas que também o controlam.

O liberalismo integral, segundo especialistas como Marc Dufumier, não existe em nenhum lugar do planeta, sendo que as medidas mais escancaradas de intervenção baseiam-se no controle da oferta e da procura, seguido de barreiras alfandegárias. Os Estados Unidos da América vem praticando ao longo das últimas décadas, medidas com a intenção de equilibrar a oferta e procura no mercado interno, através de subsídios aos produtores, programas de congelamento<sup>2</sup> do preço das terras e incentivo às exportações.

Nos países da União Européia, a situação é semelhante, mesmo com certa liberdade de intervenções isoladas entre os países do grupo, os mesmos manifestam as intervenções em forma de apoio aos empreendimentos dos jovens agricultores e até mesmo de crédito rural. “A política agrícola comum da União Européia é outro exemplo da vontade que os Estados manifestam para transformar o desenvolvimento da sua agricultura a partir da fixação de preços, do estabelecimento de quotas de produção e da concessão de subsídios [...]”. (DUFUMIER, 2007, p. 15).

Não são somente os países do Norte que interferem na agricultura, mas, esse modelo é praticado em nações da Ásia, Oceania e América Latina. O Japão apesar da pouca área agricultável, vem adotando desde a reforma agrária de 1945, medidas de sustentação dos preços do arroz, visando garantir o abastecimento do mercado interno. Outros como Austrália e Nova Zelândia, mesmo sendo grandes exportadores, possuem reservas de estabilização com a intenção de atenuar os efeitos da flutuação de preços.

As intervenções nos países desenvolvidos visam garantir a sustentabilidade da economia, já nos países pobres, a intenção de medidas ou políticas voltadas para a agricultura é a de garantir o abastecimento de alimento a população. Assim, fica o questionamento, se todas as nações podem satisfazer as suas necessidades alimentares com aquilo que possuem ou vão ter que recorrer a outras nações. Neste quesito, é que entra o fator determinante da especialização agro-exportadora para aqueles países tipicamente agrícolas.

O grau de intervenção do Estado no desenvolvimento agrícola depende de fatores como regimes políticos eficientes, poder econômico e logístico, sendo que na

---

<sup>2</sup> O Estado passa a controlar o preço para a venda e compra da terra.

maioria dos países do terceiro mundo, a deficiência nesses dois últimos itens, da margem para a atuação de empresas privadas no setor agrícola. Qualquer que tenham sido as orientações ideológicas dos governos, as políticas de desenvolvimento agrícola têm sido praticadas através de instituições estatais ou paraestatais destinadas a desempenhar um papel preponderante na organização e na prestação de serviços aos agricultores. (DUFUMIER, 2007, p. 21).

Uma forma de intervenção são os projetos de desenvolvimento, geralmente focados para setores específicos da agricultura. Existem casos aonde o sucesso foi alcançado, com excelentes resultados, graças à integração entre as unidades de produção e as cadeias de transformação e comercialização. Mas, não são poucos os exemplos de fracasso, levados principalmente por problemas de gestão. As intervenções sob a forma de projetos podem ser perfeitamente agradáveis aos órgãos que disponibilizam financiamento, sendo que para estes, o que deve ser levado em consideração são as vantagens e as inconveniências dos diferentes projetos, não se baseando nos critérios de avaliação econômica.

A ineficácia dos projetos de desenvolvimento agrícola pode causar efeitos desastrosos na economia das nações, tanto nas subdesenvolvidas quanto nas desenvolvidas. A falta de expectativas favoráveis no campo levado principalmente pela estagnação econômica, tem contribuído para o aumento do êxodo rural, causando bolsões de pobreza nos centros urbanos e a migração de trabalhadores dos países subdesenvolvidos para os países industriais, ocasionando insatisfações diplomáticas. Assim, os problemas tendem a um agravamento, aonde se faz necessário um desprendimento maior de recursos públicos para amenizar os problemas sociais.

### **1.3 Sistemas agrários e reprodução social na agricultura**

Um sistema agrário é um objeto cientificamente elaborado, abrangendo um conjunto de conhecimentos, resultado do estudo planejado e organizado sobre um sistema agrícola ou o seu conjunto, não se comprometendo em entender a agricultura em toda a sua complexidade, mas tornar essa complexidade inteligível. Desta maneira, um sistema agrário não é um objeto real diretamente observável, mas um objeto

cientificamente elaborado cuja finalidade não é retratar a agricultura em toda a sua complexidade e sim as suas especificidades. (SILVA NETO; BASSO, 2005, p 17-18).

Um sistema agrário pode ser entendido como um modo de exploração do meio historicamente constituído e durável, um sistema (técnico) de forças produtivas, adaptado às condições bioclimáticas de um espaço dado, sendo compatível com as situações e necessidades sociais do momento e do lugar. (DUFUMIER, 2007, p. 62). Portanto, sistema agrário é um meio que pode ser transformado, visando satisfazer as necessidades dos que dele dependem.

Conforme Silva Neto e Basso (2005), sistemas agrários expressam um arcabouço teórico que visa facilitar a compreensão das relações sociopolíticas, culturais e tecnológicas que ocorrem num determinado ecossistema. Eles são a expressão de decisões e ações técnicas de produção que se efetivam em espaços territoriais e institucionais mais ou menos estruturados e historicamente construídos. Assim sendo, para se poder compreender a dinâmica e as perspectivas de determinados sistemas agrários é necessário analisá-los em seu devir histórico.

Para o entendimento de sistemas agrários é necessário reconhecer que suas estruturas se originam de interações sociais entre seus membros. Os sistemas agrários por serem complexos, deixam de ser considerados estáticos, não podendo ser comparados a outros exemplos de agricultura, considerados bem sucedidos. Com isso, não é possível afirmar sobre a existência de países ou mesmo regiões que possuem agriculturas desenvolvidas e sim países e regiões com agricultura bem sucedidas. (SILVA NETO, 2008, p. 50)

O desenvolvimento<sup>3</sup> de um sistema agrário resulta da dinâmica das suas unidades de produção. Pode-se dizer que há desenvolvimento geral quando todos os tipos de explorações progredem, adquirindo novos meios de produção, desenvolvendo as suas atividades, aumentando as suas dimensões econômicas e os seus produtos. Mas esse desenvolvimento pode ser desigual quando existem disparidades de progressão

---

<sup>3</sup> Neste caso, a referencia é para o desenvolvimento socioeconômico dos sistemas agrários.

entre unidades agrárias, principalmente quando algumas unidades progredem muito depressa enquanto outras estão em crise e regridem.

A dinâmica de um sistema agrário é definida pela reprodução da fertilidade do agroecossistema e pela acumulação de capital das unidades de produção. Desta maneira, pode ser compreendido que o sistema agrário é o retrato de um tipo de agricultura, o qual traz características do sistema social produtivo que tem consigo as características da exploração do ecossistema. Ao destacar o desenvolvimento de um sistema agrário, o mais relevante é promover os fatores que potencializam a capacidade de evolução dos sistemas agrários. (SILVA NETO e BASSO, 2005, p. 27. SILVA NETO, 2008, p. 50)

A diferença de prosperidade econômica e social esta diretamente ligada à capacidade de investimento e renovação dos membros das unidades produtivas. Podem continuar a investir e a progredir as unidades já suficientemente equipadas, grandes e altamente produtivas, dando à possibilidade de obter rendimento superior a necessidade para sobreviver. De acordo com Mazoyer e Roudart, em geral as explorações em desenvolvimento investem e progredem tanto mais quanto o seu rendimento se situa mais acima desse limiar; acontecendo desta maneira, um desenvolvimento socioeconômico desigual.

As desigualdades iniciais vão sendo ampliadas pelas desigualdades suplementares, as quais sempre estiveram alocadas aos condicionantes que deram início a utilização do sistema agrário. Desta maneira, regiões ou unidades isoladas sobressaem as demais, usufruindo de vantagens das quais aqueles subequipados não conseguem alcançar. Ao longo do processo, as explorações menos situadas e capitalizadas, encontram-se mais tarde ou mais cedo na incapacidade de investir suficientemente de maneira a ultrapassar uma nova etapa de desenvolvimento. (MAZOYER e ROUDART, 2001, p 423).

A reprodução social é entendida como a forma em que as diferentes categorias sócias conseguem manter as suas características ao longo do tempo, principalmente no que tange a evolução dos processos produtivos que lhe dão suporte. Para tanto, é necessário que se analise não apenas os resultados econômicos, mas também as

condições e a evolução do processo de produção e inclusão nas novas tendências, entre elas, adaptação às tecnologias e programas desenvolvidos pelo poder público e privado.

A abordagem da reprodução social também permite acrescentar na análise econômica dos sistemas agrários, processos não relacionados ao mercado, entre eles as relações sociais que definem a repartição do produto e a aplicação de fatores de produção não sujeitos a troca. Isso permite realizar uma análise mais precisa dos processos de acumulação das unidades de produção responsáveis pela diferenciação social dos produtores.

Segundo Mazoyer e Roudart (2001), para sair da crise que esta comprometendo o campesinato pobre, é necessária criar condições de um real desenvolvimento da economia destes, além de promover a acumulação de capital produtivo de longo prazo. Para tanto, se faz necessário acabar com as desigualdades de rendimento que resultam da colocação em concorrência, sem precaução, das heranças agrárias mais desiguais.

Para promover políticas inovadoras<sup>4</sup> a fim de agilizar o desenvolvimento rural pela valorização das formas de produção, tornando estas capazes de assegurar uma distribuição equilibrada do valor agregado para o agricultor, é necessário avaliar e relacionar as mudanças ocorridas em âmbito mundial, principalmente quando aumenta o processo de globalização, aonde os meios tecnológicos e científicos nem sempre são acessíveis a todos. O desenvolvimento deve ser ao mesmo tempo em que economicamente viável, também ser socialmente vantajoso e equilibrado.

Para a obtenção de resultados mais eficientes nos diversos sistemas agrários, devem ser feitos projetos que venham a minimizar os erros cometidos, visando uma melhor otimização dos recursos dispensados para tal sistema ou para os diversos sistemas agrários. A história de programas e projetos de desenvolvimento agrícola mostra que não pode haver intervenções eficazes para a transformação da agricultura sem um conhecimento científico prévio das realidades agrárias nas quais se pretende intervir. (DUFUMIER, 2007, p 57).

---

<sup>4</sup> Eficazes socioeconomicamente e ambientalmente

## **2 – METODOLOGIA**

Este capítulo tem o objetivo de apresentar os princípios metodológicos que dão orientação ao desenvolvimento da pesquisa e os procedimentos adotados nas diferentes fases de investigação. O método adotado é o da “Análise Diagnóstico de Sistemas Agrários” (ADSA).

Com a ADSA é possível identificar as características agrícolas de uma região ou parte dela, podendo fornecer subsídios para a elaboração de propostas de desenvolvimento da agricultura em geral ou de um setor. Assim, a teoria dos sistemas agrários é um instrumento que nos permite apreender a complexidade de cada forma de agricultura e de suas transformações históricas, além da diferenciação geográfica das agriculturas humanas. (MAZOYER, ROUDART, 2001, p39).

A análise diagnóstico deve possibilitar a compreensão das situações agrárias, as quais em geral são muito complexas, sendo influenciadas por fenômenos de ordem ecológica, técnica, socioeconômica, cultural e política. (DUFUMIER, 2007, p. 61). Apesar da amplitude do tema, o importante é compreender a multiplicidade de interações que acabam se manifestando nesses fenômenos.

Para fazer a Análise Diagnóstico dos Sistemas Agrários (ADSA), foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica e de campo com o objetivo de formar uma base para a análise dos sistemas de produção existentes no município de Maravilha. Para tanto, foi seguido os procedimentos exigidos pela metodologia, a qual é constituída por distintas etapas, as quais são identificadas e caracterizadas na seqüência do trabalho.

## **2.1 Análise global da agricultura**

A análise global da área estuda visa compreender de forma sistêmica a heterogeneidade dos sistemas de produção, já que é possível encontrar em um mesmo local, sistemas agrários com características agroecológicas e socioeconômicas distintas. De acordo com Mazoyer e Roudart (2001), analisar a agricultura praticada em um determinado espaço e tempo consiste em decompô-la em dois ecossistemas principais, o ecossistema cultivado e o ecossistema social produtivo, estudar a organização de cada um desses subsistemas e compreender as suas inter-relações. Sabendo dessas diferenças, a análise global, consiste na delimitação de zonas agrícolas relativamente homogêneas. Para Dufumier (2007), a questão não é somente conhecer as vantagens comparativas de cada uma das zonas delimitadas e sim caracterizar cuidadosamente os principais problemas com os quais as populações estão inseridas.

### **2.1.1 Coleta e análise dos dados secundários**

Para dar início ao estudo da dinâmica da agricultura do município de Maravilha, foi realizado um levantamento com dados secundários através de documentos e entrevistas históricas, permitindo reunir informações sobre quem iniciou o processo de produção agrícola e em que condições. Neste levantamento foi possível encontrar dados sobre a vegetação, relevo, solo, hidrografia e clima, além de identificar como foram comercializadas as áreas de terra e em quais condições. Com esses dados foi possível dar início a classificação do sistema social produtivo e dos agroecossistemas das microrregiões homogêneas do município de Maravilha.

Nesta etapa do estudo foram utilizados dados coletados junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria Municipal da Agricultura, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Cooperativa Regional Auriverde, Epagri, Associação dos Municípios do Entre Rios (AMERIOS) e com agricultores que há mais tempo residem no município.

### **2.1.2 Leitura da paisagem e zoneamento agroecológico**

A etapa seguinte do estudo foi à realização da leitura da paisagem, uma observação criteriosa para obter informações sobre o modo de exploração do ecossistema e sobre as práticas agrícolas adotadas pelos agricultores. Entre os objetivos desta fase do estudo juntamente com os dados da etapa anterior, é realizar um zoneamento preliminar do agroecossistema social produtivo. Identificando as diferenças existentes, através dos diferentes tipos de agricultura praticados e seus condicionantes ecológicos, podem ser levantadas as primeiras hipóteses sobre o porquê dessas diferenças na formação da paisagem atual.

A leitura da paisagem no município de Maravilha foi realizada na primeira quinzena do mês de junho, sendo feita através de percursos em toda a área de estudo. Nesta etapa foi buscado identificar os aspectos que mais identificassem os ecossistemas existentes e confrontando com os dados secundários anteriormente coletados. Também foi possível identificar os tipos de agricultura, como as culturas utilizadas e a criação, a estrutura fundiária, as técnicas e práticas utilizadas, o grau de intensificação das culturas, as espécies e o tamanho do rebanho e os recursos naturais.

Outro item de fundamental importância desta fase do estudo foi a caracterização da infra-estrutura social e produtiva, como o grau de capitalização dos agricultores identificados pelo tipo e condições das moradias, instalações e equipamentos, conservação das estradas, acesso a rede de luz, telefonia, escola, igreja e transporte. O resultado desta etapa do estudo foi à delimitação de três zonas homogêneas e distintas do meio rural do município de Maravilha.

### **2.1.3 Análise da formação histórica da agricultura**

O resgate da transformação histórica de um sistema agrário é uma ferramenta de grande importância para compreender a diversidade do modo de exploração do agroecossistema e do sistema social produtivo. Para Dufumyer (2007), esta etapa do estudo visa essencialmente descobrir como os produtores vêm modificando as suas práticas agrícolas em função dos meios de produção aos quais eles puderam ter acesso

e, também em função das relações de produção e de troca, em cujo contexto foram levados a agir.

As entrevistas históricas foram realizadas na segunda quinzena do mês de junho, a fim de verificar as hipóteses levantadas na leitura de paisagem. Ao total foram feitas sete entrevistas, seis no meio rural e uma na cidade, com interlocutores com vasta bagagem de conhecimento, devido ao tempo que residem no município e com a participação em instituições como o sindicato rural. Os entrevistados foram escolhidos também por abrangência das regiões, sendo coletados dados em diferentes localidades do interior do município.

Nas entrevistas foi procurado abordar a origem dos pioneiros<sup>5</sup> da região, os motivos que levaram a vir residir neste lugar, as condições técnicas e econômicas no início da produção e no decorrer dos anos, os fatores ecológicos como o uso do solo e da vegetação e a adaptação as mudanças ocorridas ao longo da história.

Usando de complementos encontrados em livros de autores locais e regionais, foi possível sistematizar os dados em fases de desenvolvimento agrário do município. Com estes dados foi possível estabelecer relações entre os fatos ecológicos, técnicos e socioeconômicos, podendo identificar a trajetória de capitalização ou descapitalização, que ocasionaram a diferenciação social dos agricultores. O detalhamento dos dados das entrevistas históricas será exposto no próximo capítulo do estudo, o qual visa reconstituir a história agrária do município de Maravilha.

#### **2.1.4 Tipologia das unidades de produção**

A conclusão das primeiras etapas do estudo foi de que existe uma grande diversidade de agricultores e de sistemas de produção, isso entre as zonas ou mesmo entre os agricultores de uma mesma zona. As respostas preliminares são de que essas diferenças têm origem nas condições econômicas de acesso a terra e aos meios de produção, aumentando a diferenciação com o passar do tempo, aonde aqueles que

---

<sup>5</sup> Primeiros habitantes do lugar

tiveram condições de fazer investimentos em tecnologias através de investimentos particulares e públicos, tiveram um grau de capitalização maior.

A análise dos processos históricos através dos quais os agricultores foram inseridos nos diferentes sistemas de produção, nos permite identificar os critérios mais pertinentes para a elaboração das tipologias das unidades de produção. Assim, é importante explicar as origens e as razões de existir cada um dos sistemas de produção, em função dos meios de produção que as diferentes categorias de produtores dispõem, bem como de seus objetivos, levando em consideração que estes últimos estão fortemente condicionados pelo contexto socioeconômico no qual eles devem operar. (DUFUMIER, 2007, p. 79)

Com a intenção de ter um melhor entendimento da diversidade encontrada no meio rural, foi estabelecida com base na leitura da paisagem e análise da histórica, uma tipologia das unidades de produção, levando em conta a categoria social do agricultor e o sistema de produção. Os agricultores foram classificados segundo as relações de produção, de propriedade e de troca. Os sistemas de produção também determinaram uma segunda etapa de classificação, sendo definidos pelos meios de produção disponíveis e pela combinação de atividades agropecuárias nas unidades de produção.

A pesquisa foi realizada de forma dirigida, não aleatória entre as unidades de produção mais representativas, ou seja, aquelas que mais se identificam com as demais unidades da mesma tipologia. Desta forma foi elaborado um roteiro para o levantamento de dados primários, relacionados aos aspectos econômicos e técnicos da unidade de produção, tendo a intenção de caracterizar os tipos de sistemas de produção usados pelos agricultores.

O processamento e a sistematização dos dados foram feitos com o auxílio de planilhas eletrônicas (Microsoft Excel), as quais geravam resumos e gráficos que auxiliaram na geração dos resultados que conduziram para a seqüência do estudo, definindo os tipos de agricultores e de sistemas de produção. Esta etapa da pesquisa foi realizada durante o mês de julho, sendo dividida entre as visitas as unidades de produção e a sistematização dos dados.

## 2.2 Análise dos sistemas de produção

Nesta etapa do estudo é feita a análise técnico-econômica dos sistemas de produção tendo como objetivo avaliar o potencial de capitalização ou de descapitalização dos agricultores, podendo confirmar ou não a tipologia anteriormente estabelecida. Também permite estudar com mais detalhes as relações sociais que caracterizam as unidades de produção individualmente, o sistema agrário em sua totalidade e as bases econômicas de cada atividade praticada pelos agricultores.

A análise técnica dos sistemas de produção consiste em verificar os meios que o agricultor dispõe para a produção e para a criação e qual a maneira de utilização do espaço disponível e do tempo de cada atividade. Juntamente, são também verificados os principais tipos de culturas e o uso de mão-de-obra, assim, identificando os períodos de maior intensidade de uso da terra, da força de trabalho e dos equipamentos, bem como da época com maior capital em circulação. “Tais entrevistas visam essencialmente a descobrir como os produtores vêm modificando as suas práticas agrícolas em função dos meios de produção aos quais eles puderam ter acesso [...]”. (DUFUMIER, p. 73, 2007).

Com estes dados é possível identificar falhas no uso do tempo, do espaço e dos equipamentos, surgindo informações que servem de base para efetuar propostas de intervenções no sistema de produção em sua totalidade ou em parte dele. Os elementos que podem ser chave para gerar mudanças estão: o calendário de trabalho, os fluxos financeiros; o calendário de uso dos equipamentos; balanço dos sistemas alimentares dos animais e os fluxos da reprodução da fertilidade do solo.

A avaliação econômica dos sistemas de produção é feita pelo Valor Agregado (VA) que mede a quantidade de riqueza gerada pela unidade de produção e pela Renda Agrícola (RA), a qual é a riqueza produzida que fica com o agricultor.

O Valor Agregado (VA) anual do sistema de produção é igual ao valor de produção final que se produziu, descontando os bens e serviços utilizados durante o ciclo de produção e da depreciação dos equipamentos e instalações.

$$VA = PB - CI - D$$

Sendo:

VA: Valor agregado

PB: Valor da produção bruta anual

CI: Valor de consumo intermediário anual

D: Depreciação de equipamentos, máquinas e instalações.

Para fazer a avaliação do nível de intensificação do sistema é calculada a produção de riqueza por unidade de área: Valor Agregado por Unidade de Área: VA/SAU, onde SAU é a superfície agrícola utilizada. Também é calculada a produção de riqueza por unidade de trabalho: Produtividade do Trabalho = VA/UT, sendo que UT é o número de trabalhadores ocupados no sistema.

A Renda Agrícola (RA) anual obtida pelo produtor e sua família é calculada subtraindo do valor agregado os juros, os impostos, a renda da terra e a remuneração da mão-de-obra contratada.

$$RA=VA-J-S-T-I$$

Sendo:

RA: Renda Agrícola

VA: Valor agregado

J: Juros pagos a agentes financeiros

S: salários pagos aos trabalhadores contratados

T: Arrendamentos pagos aos proprietários de terra

I: Impostos e taxas pagos ao Estado.

Com o cálculo do valor agregado e da renda produzidos pelos sistemas de produção, foram elaborados os tipos de modelos lineares de produtividade e da remuneração do trabalho. Para isso, é necessário calcular os elementos que constituem o Valor Agregado e a Renda Agrícola, distinguindo-os em proporcionais e não proporcionais à superfície agrícola útil, chegando aos seguintes modelos:  $VA=(PB \text{ ha} - CI \text{ ha}) SAU - D$  e  $RA = (PB \text{ ha} - GP \text{ ha}) SAU - GNP$ , onde GP corresponde a outros gastos proporcionais e GNP são os gastos que não variam de acordo com a área. Os modelos de produtividade e da remuneração do trabalho são:

$$VA/UT = (PB/ha-CI/ha)SAU/UT-D/UT:$$

$$RA/UTf=(PB/ha-CI/ha-GP/ha)SAU/UTf-GNP/UTf$$

Estes modelos representam uma função linear do tipo  $Y = AX - B$ , com um coeficiente angular “a” que corresponde à diferença entre produção bruta e encargos proporcionais à área, uma variável independente “SAU/UT ou SAU/UTf e um coeficiente linear “b” igual aos gastos não proporcionais à superfície. Nestes modelos, o coeficiente angular indica o nível de intensificação dos sistemas em relação à área, ou seja, quanto maior for o produto bruto e menores forem os custos proporcionais por unidade de área, mais vertical intensivo será o sistema de produção. Esse modelo também indica a contribuição marginal de cada atividade ou subsistema para a composição do valor agregado ou da renda agrícola.

Com a avaliação da renda gerada pelos sistemas de produção é possível relacionar a remuneração média de um trabalhador familiar (RA/UTf) com o nível de reprodução social que corresponde à renda mínima para assegurar o desenvolvimento das unidades de produção e também as necessidades em bens de consumo dos agricultores.

### **2.3 Elaboração de linhas estratégicas de desenvolvimento**

A intenção da realização da Análise Diagnóstico de Sistemas Agrários não é somente a de identificar e caracterizar os tipos de produtores, mas também elaborar linhas estratégicas para o desenvolvimento da agricultura.. Para a elaboração das linhas estratégicas, deve-se primeiro identificar a problemática do desenvolvimento da agricultura, o público alvo prioritário para possíveis programas e projetos de desenvolvimento e quais serão os níveis de intervenção.

É de fundamental importância identificar quais são as atividades com maior potencial de agregação de valor e renda que podem ser sugeridas para serem implantadas ou melhoradas. Por fim, é prioridade saber das condições e das ações necessárias para colocar em prática tais projetos de desenvolvimento agrícola. “Um projeto de desenvolvimento agrícola sempre se apresenta como um conjunto mais ou menos coerente de intervenções destinadas a reorientar a evolução da agricultura de um país ou de uma de região, em conformidade com os objetivos de interesse coletivo [...]”. (DUFUMIER, p. 41, 2007).

### **3 A DINÂMICA DA AGRICULTURA DO MUNICÍPIO DE MARAVILHA - SC**

Neste capítulo são destacados os dados da primeira etapa da pesquisa no município de Maravilha, no qual são mostradas as características gerais do agroecossistema e do sistema social produtivo. Os condicionantes da evolução agrária e da diferenciação socioeconômica também são abordados, caracterizando os tipos das unidades de produção com base nas categorias sociais e nos sistemas de produção.

#### **3.1 O setor agrícola no estado de Santa Catarina.**

O estado de Santa Catarina teve na segunda metade do século XIX uma explosão agrícola, principalmente nos vales litorâneos. Destacando-se na exportação de arroz, erva-mate, madeira, farinha de mandioca, açúcar, fumo e banana. Assim, o processo de desenvolvimento agrícola nas primeiras fundações litorâneas proporcionou a incorporação de outras regiões do país na participação econômica nos primeiros anos de República, não ficando restrito as regiões Sudeste e Nordeste.

Apesar de o Estado começar a despontar no cenário industrial com o surgimento das indústrias têxteis e com o da metalmecânica no início do século XX, a agricultura continuou a ter papel primordial na manutenção da economia e na geração de empregos. Neste período começaram a surgir as primeiras levas de agricultores migrantes, desenvolvendo a agricultura no Meio-Oeste Catarinense.

Chegando à metade do século XX, o estado de Santa Catarina já tinha seu território ocupado em sua totalidade. A última região a ser povoada foi o Oeste e o Extremo-Oeste. Após a extração da madeira, tiveram início à produção de grãos com destaque para o milho, feijão e trigo, além da criação de animais como frangos, suínos e

gado bovino. O fumo (tabaco) foi e continua sendo uma das principais atividades, principalmente entre os agricultores familiares, detentores de pouca área agricultável.

O surgimento do setor agroindustrial foi o viés determinante para o surgimento do sistema cooperativista nestas duas regiões. A partir do fortalecimento da agricultura, prevalecendo um grande potencial de produção de excedentes, a economia que antes era exclusivamente agrícola primária, passou a ser mantenedora de um aparato industrial urbano, surgindo os frigoríficos e os grandes conglomerados exportadores. A suinocultura foi a ancora em que se estruturou o sistema produtivo, usando de incentivos financeiros do Estado e parcerias com as agroindústrias. Assim, eliminou-se o sistema tradicional de organização familiar diversificada, passando a existir uma integração entre a atividade industrial, comercial e as atividades de subsistência.

Nos anos 80, a crise desencadeada na agricultura familiar redirecionou o sistema econômico e social. As limitações para poder prosperar seguindo as atividades dos pais, levou muitos jovens a buscar novas alternativas, entre elas o trabalho nas agroindústrias locais ou nas capitais do Sudeste. Dando seqüência ao período de crises, os problemas ambientais causados pelos dejetos dos suínos e as variações no preço da carne suína, levou muitos agricultores a abandonar esse tipo de trabalho. Além destes problemas, as mudanças tecnológicas e organizacionais introduzidas na produção suinícola começaram a minar a tradicional forma de inserção do agricultor familiar, caracterizada por ser de ciclo completo. (MIOR, 2005, p 87).

Nos anos noventa acontece um duplo movimento na região, tendo de um lado o aprofundamento das trajetórias da grande agroindústria e o processo de solidificação das pequenas agroindústrias, mantidas por famílias de agricultores. Apesar do segmento de produção de aves e suínos no sistema de integração, a agroindústria familiar passou a ser destaque na economia local, principalmente a de produtos lácteos e embutidos. (MIOR, 2005, p 100)

Ainda nos anos 90, surgiu um novo modelo na geografia do Oeste Catarinense, evado principalmente pela migração do campo para a cidade. Neste período emergiu uma nova conjuntura econômica, passando exclusivamente de uma região de pequenas propriedades para algumas microrregiões com grandes extensões de terra de um único

proprietário. Esse aumento no tamanho das propriedades é decorrente da compra de várias áreas de terra por um único agricultor capitalizado ou até mesmo de empresários urbanos que passaram a investir na agricultura.

### 3.2 Características gerais do município de Maravilha

O município de Maravilha está localizado na região fisiográfica do Oeste de Santa Catarina. A posição geográfica, tendo como referência a sede do município “é determinada pela interseção do paralelo 26°46’12’ S (latitude Sul) com o meridiano de 53°13’00’ W (longitude Oeste), de Greenwich, desta zona basáltica”. (GIALDI, p. 34, 2003). A altitude varia de 500 a 700 metros em relação ao nível do mar, em meio a um releve ondulado e fortemente ondulado.



Figura 1: Mapa do estado de Santa Catarina

O principal acesso ao município é pela rodovia federal BR 282, a qual liga a região Oeste ao litoral, estando distante 626 Km da capital Florianópolis. Sua emancipação é conforme a Lei Estadual nº 348, de 21 de junho de 1958, sendo feita à instalação oficial em 27 de julho de 1958, data em que é comemorado o aniversário do município.

A área geográfica é de 169,1 km<sup>2</sup>, sendo que já se desmembraram de Maravilha os municípios de: São Miguel da Boa Vista (1992), com 71,4 km<sup>2</sup>, Flor do Sertão (1996), com 58,2 km<sup>2</sup>, Tigrinhos (1996), com 57,2 km<sup>2</sup>. Os limites municipais são: ao Norte, com São Miguel da Boa Vista, Tigrinhos e Bom Jesus do Oeste; ao Sul, com Cunha Porã e Iraceminha; ao Leste, com Modelo e ao Oeste, com Flor do Sertão.

O povoamento do município de Maravilha foi rápido e constante nas primeiras décadas da segunda metade do século XX. Em 1960, pouco mais de dez anos da chegada dos primeiros imigrantes a população local já superava a marca de sete mil habitantes e na década seguinte duplicou o número, sempre mantendo a sua maioria na zona rural. Esse avassalador aumento populacional teve a influencia da empresa colonizadora, a Companhia Territorial Sul Brasil, a qual ficou encarregada de divulgar e vender os lotes de terra.

Nos anos 80, iniciou o processo de urbanização do município, onde a população urbana passou a aumentar mais do que a rural. Tal processo se deve ao incentivo publico para a instalação de indústrias, especialmente o frigorífico Aurora, ofertando trabalho assalariado. Foi neste período que se constatou o início do movimento migratório, não somente dentro do município, mas também para outros centros, como ao litoral catarinense e as capitais dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Na década de noventa a população continuou aumentando, chegando próximo aos 25 mil habitantes. Foi nesta década que aconteceu a emancipação de alguns distritos, como já foi citado no capítulo anterior. Assim, houve uma redução não somente na área geográfica, mas principalmente no número de habitantes, sendo que ao passar mais de dez anos, a marca de 24 mil habitantes alcançada em 1991, ainda não foi superada. Segundo os dados do IBGE 2007, Maravilha possui 21.684 habitantes, tendo um acréscimo entre os habitantes urbanos e uma pequena redução nos habitantes da área rural.

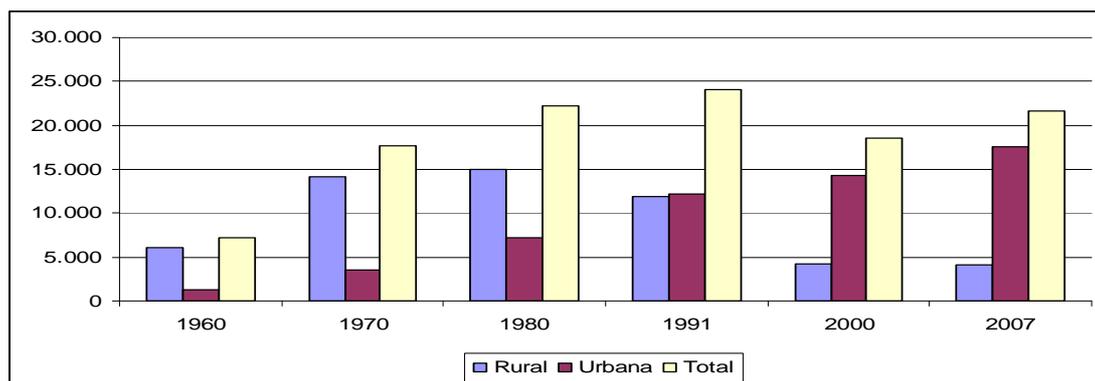


Figura 2: População rural e urbana entre os anos de 1960 e 2007

Conforme o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, no período 1991-2000, o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Maravilha cresceu 13,16%, passando de 0,72 em 1991 para 0,81 em 2000. A dimensão que mais contribuiu para este crescimento foi a Educação, com 49,5%, seguida da Longevidade, com 28,4% e pela Renda, com 22,1%. Neste período, o hiato de desenvolvimento humano (a distância entre o IDH do município e o limite máximo do IDH, ou seja,  $1 - \text{IDH}$ ) foi reduzido em 34,2%. Se mantivesse esta taxa de crescimento do IDH-M, o município levaria, 8,2 anos para alcançar Florianópolis, o município com o melhor IDH-M do Estado, com 0,87.

Segundo a classificação do PNUD, o município está entre as regiões consideradas de alto desenvolvimento humano (IDH maior que 0,8). Em relação aos outros municípios do Brasil, Maravilha está na 263ª posição, sendo que 262 municípios (4,8%) estão em situação melhor e 5244 municípios (95,2%) estão em situação pior ou igual. Em relação aos outros municípios do Estado, Maravilha ocupa a 63ª posição, sendo que 62 municípios (21,2%) estão em situação melhor e 230 municípios (78,8%) estão em situação pior ou igual.

A renda per capita média do município cresceu 46,54%, passando de R\$ 201,55 em 1991 para R\$ 295,35 em 2000. A pobreza medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 75,50, equivalente à metade do salário mínimo vigente em agosto de 2000, diminuiu 52,33%, passando de 36,0% em 1991 para 17,2% em 2000. De acordo com o índice de Gini (coeficiente usado para medir a concentração), a desigualdade diminuiu, passando de 0,58 em 1991 para 0,52 em 2000.

Tabela 1: Valor adicionado por atividade econômica em 2005

Atividade	Mil reais
Agropecuária	18.246
Indústria	88.660
Serviços	118.115
Impostos	23.416
Total do PIB a preço de mercado corrente	248.437

Fonte: IBGE, 2007

O clima na região de Maravilha é de característica subtropical, de acordo com a classificação de Koppen. No município de Maravilha e na região Oeste é possível distinguir claramente as quatro estações do ano, com verões chegando à temperatura próxima aos 40°C e alguns dias de inverno com temperatura ambiente na margem de 0°C.

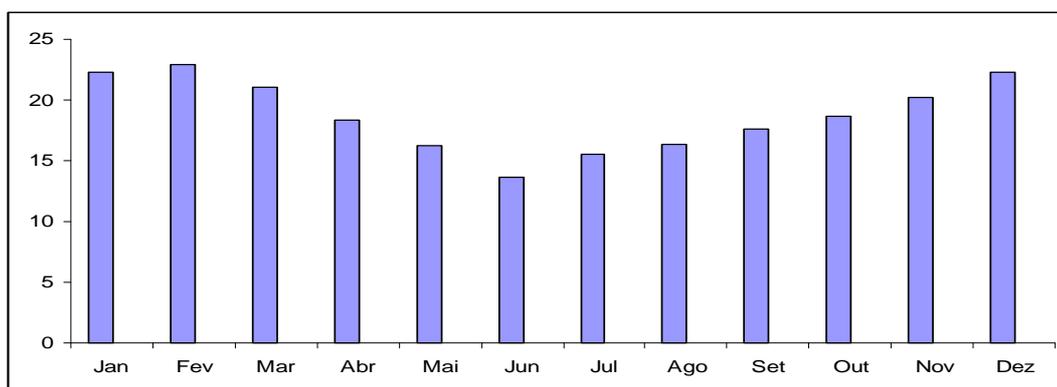


Figura 3: Temperaturas médias mensais (°C) na região do Extremo Oeste de Santa Catarina. Controle: São Miguel do Oeste

O município é contemplado com um vasto número de rios, principalmente de pequeno porte, em relação ao volume de água. A rede hidrográfica é dividida em duas vertentes de drenagem, a Oeste formada pelos rios Sargento, Antas e Iraceminha, e a vertente Leste, que abrange vários arroios e lajeados que deságuam no rio Saudades. O destino das águas das duas vertentes é o rio Uruguai.

A precipitação pluviométrica é considerada regular, com algumas exceções, gerando períodos de estiagens e outros com chuvas prolongadas. Essa regularidade contribui para uma maior produção agrícola, a qual depende de regularidade principalmente do clima e da chuva.

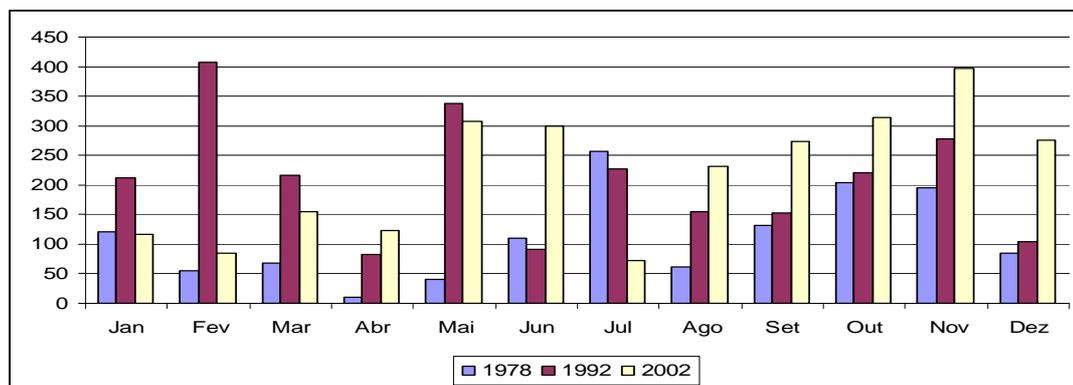


Figura 4: Precipitação pluviométrica – Maravilha – 1978, 1992 e 2002 (em mm)

Os índices de precipitação pluviométrica em Maravilha mostram um aumento na pluviosidade entre os anos de 1978 e 2002, passando de 1.339 mm em 1978 para 2.649 no ano de 2002. Assim, contrariando as hipóteses de que a chuva está diminuindo. O que dá para perceber a falta de homogeneidade na distribuição pluviométrica, ocasionando períodos de estiagem nos meses de janeiro e fevereiro.

A região Oeste de Santa Catarina está localizada sobre uma extensa área de terra vermelha, tendo a maior presença basáltica do mundo. A fertilidade do solo apresenta pequena acidez, de acordo com as análises feitas de pH 5,5. Quanto à proporção de elementos químicos, apresenta bom teor de potássio, médio de matéria orgânica e bastante pobre de fósforo. Certas superfícies são pedregosas e com baixos teores de bases trocáveis e teores de alumínio. (GIALDI, p. 39, 2003).

Conforme o Levantamento Agropecuário Catarinense (LAC) de 2003, a estrutura fundiária do município de Maravilha é composta por 812 estabelecimentos rurais, sendo que destes, 745 são proprietários, 60 são arrendatários, 4 são parcerias e 3 ocupantes.

Tabela 2: Situação da ocupação da terra

Proprietários	745	91,74%
Arrendatários	60	7,38%
Parceiros	4	0,49%
Ocupantes	3	0,36%
Total	812	

Fonte: Levantamento Agropecuário Catarinense (LAC), 2003.

Destes estabelecimentos, 349 possuem áreas menores de 10 hectares, 305 tem área entre 10 e 20 hectares, 143 estabelecimentos com área de terra entre 20 e 50 hectares, 13 possuem área entre 50 e 100 hectares e somente dois estabelecimentos possuem mais de 100 hectares de terra, tendo um total de 11.204,2 hectares.

Tabela 3: Tamanho das propriedades em hectares

Agricultores	ha	%
349	0 - 10	42,98
305	11 - 20	37,56
143	21 - 50	17,61
13	51 - 100	1,60
2	Mais de 100	0,24

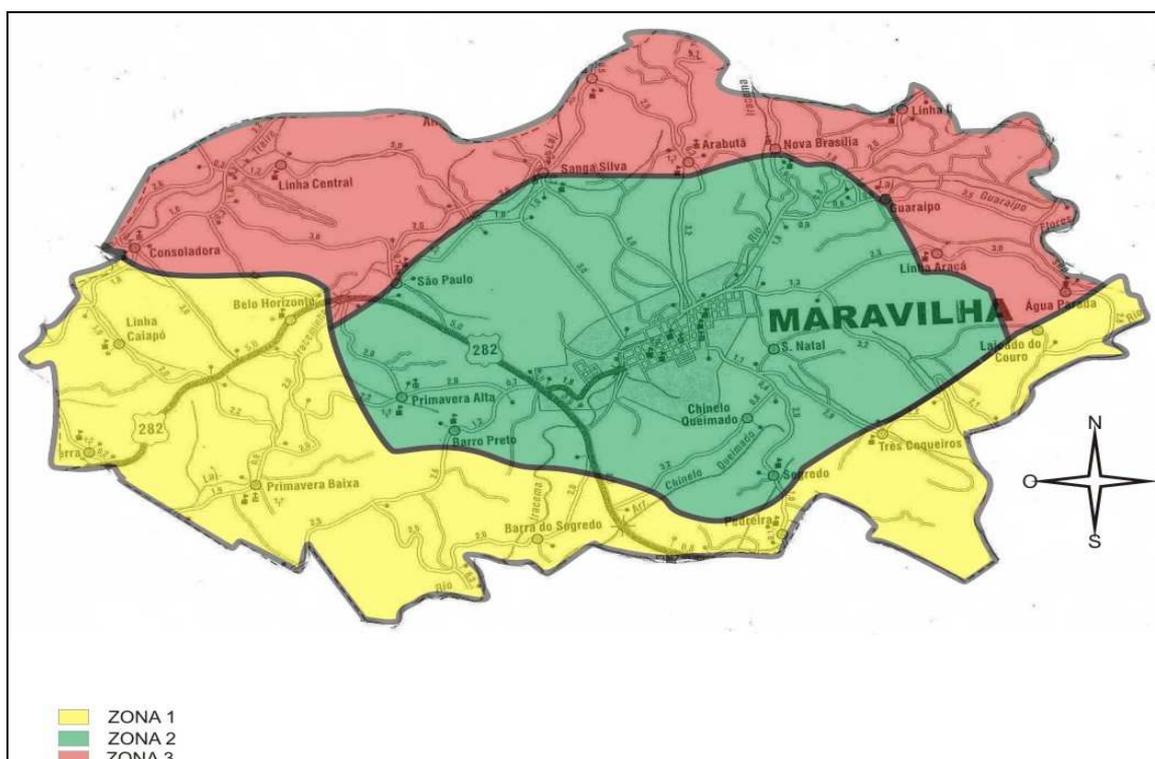
Fonte: Levantamento Agropecuário Catarinense (LAC), 2003.

O município de Maravilha possui pouco menos de 20% de sua população residindo no meio rural. Mesmo se enquadrando em conceitos de autores como Silva Neto e Franz (2001), como município essencialmente agrícola, Maravilha vem se destacando nos setores industrial e comercial. Tais dados podem ser comprovados pelo que foi citado anteriormente, aonde durante mais de meio século de história a população que era predominantemente rural foi se tornando minoria.

De acordo com dados referentes à década de 90, o município obteve um aumento no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de 13,16%, tendo como maior contribuinte o setor da educação. Em relação aos outros municípios do Estado, Maravilha esta melhor ou igual a 230 municípios, ficando atrás de 62. Em

relação à tipologia dos agricultores, predomina os familiares com tração animal, sendo que mais de 600 estabelecimentos dos 812, possuem menos de 20 hectares.

### 3.3 O agroecossistema social produtivo



Fonte: Galdi 2003 - Autor.

Figura 5: Mapa das zonas agrícolas

Como já citado anteriormente, a realidade agrária de Maravilha é bastante diversificada, sendo composta por diferentes modos socioeconômicos de ocupação. Para diferenciar as principais heterogeneidades da área de estudo, foram delimitadas microrregiões agrícolas com características semelhantes do ponto de vista socioeconômico. Essa delimitação foi definida através da leitura de paisagem, sendo possível delimitar três zonas que formam o agroecossistema e o sistema social produtivo do município de Maravilha.

As microrregiões se diferenciam nas características agroecológicas (relevo, vegetação e hidrografia) e socioeconômicas (infra-estrutura social e produtiva como o estado de conservação das moradias e galpões, grau de capitalização dos agricultores, estrutura fundiária, acesso à saúde, educação, transporte e energia).

### **3.3.1 Zona 1: Região norte do município**

Esta zona abrange as partes sul e sudoeste do município, correspondendo as localidades de linha Caiapó, Belo Horizonte, Primavera Baixa, Barra do Segredo, Três Coqueiros e a metade sul das linhas Pedreira e Lajeado do Couro. Limita-se com os municípios de Flor do Sertão, Iraceminha, Cunha Porã e Modelo. É predominante nesta região relevo ondulado, com presença de áreas com mata nativa e reflorestamento com eucalipto. A hidrografia é composta por rios de pequeno porte que compõem a bacia do rio Iracema e do lajeado Iraceminha, tendo regiões com mata ciliar preservada e outras já densamente interferidas pelo ser humano.

Predomina nesta região a produção de fumo e a criação de gado leiteiro. Sobre o grau de capitalização, a microrregião apresenta basicamente produtores com tração animal, sendo que as benfeitorias, cercas, galpões e moradias apresentam-se antigas e em razoável estado de conservação. Sobre a estrutura fundiária, a microrregião apresenta média densidade demográfica, tendo a predominância de produtores familiares com áreas de terra na média de 10 hectares.

Sobre a infra-estrutura social, apresenta boas condições de tráfego, com estradas em razoáveis condições, circulando diariamente ônibus para o transporte escolar. Em todas as propriedades que se pode observar, foi percebida a presença de energia elétrica instalada e com um atendimento de sistema de telefonia através de central e ramais, bem como a presença de água encanada em boa parte das propriedades, sendo neste caso, usado um sistema de associações de moradores, os quais em parceria com a municipalidade providenciam a perfuração de um poço profundo e efetuam a distribuição da água aos membros do grupo. O atendimento de saúde para estas comunidades é prestado nas unidades da sede do município.

### **3.3.2 Zona 2 – Área central do município**

Esta zona abrange a parte central do município, correspondendo as localidades de linha São Paulo, Barro Preto, Primavera Alta, Chinelo Queimado, Sanga Natal, parte norte da linha Segredo e Lajeado Couro, a metade oeste da linha Araçá e Guaraipo e a parte sul das linhas Sanga Silva e Nova Brasília, além da sede do município. Tem predominância de relevo plano a pouco acentuado, sendo abastecida por rios da bacia hidrográfica do rio Iracema e arroios como o Chinelo Queimado. Nesta microrregião foi encontrada pouca vegetação nativa, tendo a existência de reflorestamento com espécies exóticas como o eucalipto.

As principais atividades agropecuárias existentes são: o cultivo de espécies comerciais como milho, soja e trigo, além de ser a região que compõem a maior parte do rebanho bovino leiteiro do município. Sobre o grau de capitalização, apresentam instalações, moradias, galpões, salas de ordenha, máquinas e equipamentos de razoável a bom estado de conservação e rebanhos apresentando bom padrão zootécnico. São encontrados nesta área produtores familiares, com predominância de tração mecanizada completa e tração mecanizada incompleta, possuindo uma baixa densidade demográfica em comparação as demais microrregiões do município, com áreas de terra maiores, variado de 15 a 30 hectares.

A infra-estrutura social é uma das melhores do município, com a presença de energia elétrica, água potável e rede de telefonia. As estradas apresentam razoáveis condições de trafegabilidade, com comunidades bem organizadas. O atendimento de saúde é prestado nas unidades da sede do município, bem como o de educação que é prestado nas escolas da cidade.

### **3.3.3 Zona 3 – Região sul**

Localiza-se na parte norte, noroeste e leste do município, correspondendo as linhas Central, Arabutã, Irajá, Água Parada e Cabeceira do Iraceminha, metade norte da Consoladora, Sanga Silva, Nova Brasília, metade leste do Guaraipo e Araçá. Faz divisa com os municípios de São Miguel da Boa Vista, Tigrinhos e Flor do Sertão. O relevo é

de médio a acentuado, com poucas áreas planas, apresentando uma quantidade significativa de mata nativa em relação das demais microrregiões. Os rios desta zona são de pequeno porte, tendo a presença de vários arroios.

A produção é baseada no cultivo de fumo e grãos, este último com pequena intensidade, tendo um destaque para a criação de aves e gado leiteiro, neste caso, em menor escala que a microrregião 2 e maior que a microrregião 1. Sobre o grau de capitalização dos agricultores, apresenta instalações, cercas, moradias, galpões, salas de ordenha e aviários, antigos e em razoável estado de conservação. Os sistemas de produção são basicamente familiares com tração animal e tração mecanizada incompleta, possuindo alta densidade demográfica, com pequenas propriedades, em média de 8 a 10 hectares.

A microrregião possui uma infra-estrutura social razoável a boa, tendo energia elétrica instalada quase que na totalidade dos municípios, bem como água encanada de poço artesiano e sistema de telefonia com central e ramais. As estradas não apresentam boas condições de tráfego, mas possibilitam o transporte escolar, o qual leva parte dos alunos para as escolas da sede do município de outra parte para a escola localizada na sede da linha Consoladora. O atendimento de saúde, assim como nas demais microrregiões é prestado na sede do município.

### **3.4 Evolução histórica da agricultura**

O processo de evolução e diferenciação das diferentes regiões agrícolas do município de Maravilha, esta diretamente relacionada aos fatores ecológicos e de ocupação do território. Neste capítulo será enfatizada a trajetória da formação das regiões agrícolas, levando em consideração os períodos de evolução, os fatores ecológicos e técnicos, além dos condicionantes econômicos e sociais nos diversos períodos.

Antes da chegada dos colonizadores, os primeiros conhecedores da região eram grupos indígenas que usavam o território como rota de passagem para outras regiões ou mesmo caçar e coletar. Os kaigangs ou caingangs, tribo do grupo jê que hoje representa

uma família própria, foi a população nativa que teve uma presença mais marcante e significativa na área atual do Oeste catarinense. (GIALDI, 2003, p. 60). Ainda segundo Gialdi, quando da colonização do município de Maravilha, aqui não havia tribos de índios com suas tabas, contendo ocas, a ocara e a caiçara.

No ano de 1918, quando o governador Hercílio Pedro da Luz, assumiu o comando de Santa Catarina, deu início a construção de estradas a fim de ocupar a área do território contestado<sup>6</sup>. Por não disponibilizar de recursos financeiros e de logística, o Governo concedeu autorização a empresas privadas para efetuar o trabalho de abertura de estradas e comercializar os lotes de terra.

A empresa encarregada de efetuar os trabalhos na região Estremo-oeste e parte do Oeste (região de Maravilha) foi a Empresa Construtora e Colonizadora Oeste Catarinense. Com a sua liquidação em 1925, os trabalhos tiveram continuidade com a Companhia Territorial Sul Brasil, com sede na capital riograndense, Porto Alegre. Com isso, o Governo estadual ficou isento de qualquer responsabilidade ou atuação na Região. “[...] a presença do Estado nas colonizações do Oeste, era deficiente, para não dizer nenhuma, afora a preocupação tributária”. (PILATI, 1991 p. 33,).

No ano de 1948, foi organizada a primeira expedição a fim de explorar economicamente a localidade, aonde em um futuro próximo seria o próspero município de Maravilha. O grupo dos 20, como destaca Pilati (1991), saiu de Passo Fundo – RS, a fim de conhecer a potencialidade de exploração de madeira, e assim instalar a primeira serraria as margens do rio Iracema.

Ainda nesta época o local não possuía o atual nome, sendo que o surgimento do mesmo é creditado aos primeiros colonizadores, que ao chegarem próximos ao local onde atualmente está localizado o Seminário Nossa Senhora de Fátima, ficaram deslumbrados com a beleza e a imponência dos pinheiros e exclamaram “que maravilha”. O nome de Maravilha seria depois, atribuído ao Dr. José Leal Filho que, certamente, apenas referendou o que todos já diziam. A primeira prova documental

---

<sup>6</sup> Parte da região Noroeste de Santa Catarina foi disputada pelo governo do Paraná a fim de pertencer ao seu território. Ver (Gialdi p. 90, 2003).

desse “batismo”, que se pôde localizar, foi uma anotação no Livro Diário da Firma Sbariani, Benvegnu e Cia Ltda, datada de julho de 1949. (PILATI, 1991 p. 59,).

O processo de colonização foi estimulado através da propaganda, principalmente no Rio Grande Sul. O direcionamento da oferta de terras para os gaúchos foi feita de maneira planejada, levando em consideração que naquele estado estava ocorrendo uma alta valorização das áreas de terra, devido ao crescimento populacional, onde as propriedades estavam sendo fracionadas através da divisão de heranças. Assim, motivados pelos preços acessíveis, muitas famílias migraram para a Região. Essa migração não foi exclusividade dos gaúchos, mas também de catarinenses do Meio-Oeste, que em menor número também vieram em busca de oportunidades.

### **3.4.1 Período pré-colonial (até 1940)**

Os primeiros habitantes da região onde está localizado o município de Maravilha, segundo relatos dos primeiros colonizadores, eram os caboclos<sup>7</sup>, na sua grande maioria refugiados de outras regiões, escolheram o local para habitar sem serem incomodados. A prática da agricultura era pouco usada, basicamente algumas pequenas áreas para a subsistência, vivendo principalmente do extrativismo vegetal (madeira) e animal (animais silvestres).

A região também servia de ligação entre os estados do Paraná e o Rio Grande do Sul, sendo comum o tráfego de grupos indígenas, acampando em algumas localidades por alguns dias e em seguida seguindo viagem. Prova disso são os achados encontrados com frequência pelos primeiros colonizadores, entre os quais potes de barro e pedaços de flecha. Também, segundo relatos de alguns pioneiros, a indícios da existência da ligação com Argentina através de trilhas em direção ao Oeste, as quais podem ter sido usadas no momento da colonização das regiões do atual município de Flor do Sertão.

---

<sup>7</sup> Caboclo é o mestiço de branco com índio, também chamado de caipira e sertanejo.

Tabela 4: Síntese da história agrária do município de Maravilha – SC

PERÍODO	CARACTERÍSTICAS	CONDICIONANTES
Até 1940 Pré-colonial	A região é coberta em praticamente sua totalidade por mata nativa	As atividades desenvolvidas visavam somente à alimentação. Região habitada por famílias de caboclos e caminho de ligação do Paraná com o Rio Grande do Sul usado pelos índios.
1940 – 1970 Agricultura colonial	A mata foi sendo derrubada para o cultivo de grãos, fumo e criação de porco, iniciando com o porco comum para a produção de banha e passando para o porco branco, produzindo mais carne.	Foi um período de grande fluxo migratório, com agricultores providos do Rio Grande do Sul e do meio-oeste de Santa Catarina. Usavam a tração animal para arar o solo e transportar os produtos. O cultivo era feito com o uso de sementes crioulas.
1970 – 1990 Modernização	Desgaste do solo pela erosão e uso intensivo, surgimento dos primeiros sistemas de adubação verde. Intensificação da produção de milho com semente híbrida e adubação química. Diminuição da produção de suínos e intensificação da produção de aves e fumo.	No início continuava a predominância da população na zona rural, sendo um período de alta lucratividade. Mais tarde teve um aumento da população urbana.
1990 – 2008 Diversificação	Intensificação da adubação verde, reflorestamento e proteção de fontes. Predominância da produção com sementes híbrida, fertilizantes e defensivos químicos. Intensificação da criação de gado leiteiro.	Diferenciação econômica entre os agricultores; surgimento de atividades mais lucrativas, migração de jovens para centros urbanos. Emancipação dos distritos.

Fonte: Dados da pesquisa

Foi no final da década de 1940, que os primeiros gaúchos vieram para reconhecer o local. Incentivados pelo governo Catarinense, um grupo de gaúchos veio inspecionar a região, a qual era quase que totalmente coberta por mata, predominando as araucárias. Assim, com o visível retorno econômico através da extração da madeira e

comércio das áreas de terra, tiveram início os preparativos da vinda definitiva para o local.

### **3.4.2 Período da agricultura colonial (1940 – 1970)**

Segundo dados obtidos através da pesquisa com alguns pioneiros oriundos do Rio Grande do Sul, principalmente de Palmeiras das Missões, Seberi, Palmitinho e Frederico Westfalem, a primeira medida tomada ao chegar à região, foi a de abrir as picadas<sup>8</sup>, a fim de chegar à área de terra adquirida, construindo o acampamento para servir de abrigo e guardar os utensílios, os quais serviriam para realizar a derrubada da primeira área de mato. Nesta primeira fase, somente os homens vinham para o local e depois de providenciar os meios básicos como moradia, abastecimento de água e alimento, voltava para buscar a família e o restante dos bens materiais, como ferramentas, além dos animais domésticos.

Depois da instalação das primeiras famílias, as demais que chegavam tratavam de se instalar provisoriamente em galpões ou nas casas de vizinhos, ganhando tempo para construir as instalações próprias. A solidariedade entre os primeiros que vieram, serviu para superar as adversidades de um local sem o mínimo de recursos, principalmente de transporte de mercadorias e de atendimento médico. Segundo um dos pioneiros, João dos Santos, gaúcho do município de Palmeiras, o mesmo realizou várias viagens a cavalo para levar feridos em busca de atendimento em municípios vizinhas.

Além de enfrentar adversidades como as citadas anteriormente, os agricultores necessitavam de tomar cuidado com animais selvagens, como tigres, além da perseguição de intrusos<sup>9</sup> que já habitavam algumas localidades sem a posse da terra e se recusavam a deixar o local. De acordo com dados obtidos na pesquisa, esses caboclos chamados de intrusos, foram sendo repelidos para regiões de difícil acesso, como encostas a margens de rios e até mesmo para outros estados.

---

<sup>8</sup> Espécie de trilha pela mata, feita com uso do machado, da foice e do facão.

<sup>9</sup> Pessoas que já estavam na região sem ter a posse da terra

As áreas de terra eram comercializadas pela Companhia, a qual reservava as microrregiões com maior quantidade de áreas com pinheiros e comercializava as que já haviam sido abertas ou com pouco potencial de extrativismo. Essas áreas eram na quase totalidade repartidas em colônias<sup>10</sup>, adquiridas com o dinheiro da venda de terras mais valorizadas no Rio Grande do Sul e no Meio-Oeste de Santa Catarina, ou mesmo através de heranças recebidas dos pais.

A primeira área de terra cultivada se localizava nas proximidades de aonde atualmente é a prefeitura municipal, em direção ao bairro União. De acordo com João dos Santos, um grupo se reuniu e preparou a primeira área, plantando milho e feijão. Assim, foi a primeira fase de ocupação e uso da terra, sendo feita com a colaboração entre os poucos habitantes da localidade.

Segundo informações de outro pioneiro, Alcides Maurer, natural do município de São Pedro do Sul (RS), a intensificação da povoação de Maravilha se deu com a emancipação política administrativa. De acordo com Maurer, sócio fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, criado em 1969, o fato de ser um município, dava credibilidade e segurança para as famílias, aonde podiam contar com estrutura de administração, educação e saúde.

Ainda segundo Alcides Maurer, nos primeiros anos em que o município estava emancipado, o fluxo de visitantes era elevado, sendo que tinha dias aonde chegavam até seis mudanças, oriundas das mais diversas cidades do Rio Grande do Sul e do Meio-Oeste de Santa Catarina. Desta maneira, o município que foi emancipado com cerca de setecentos eleitores, foi sendo povoado, se tornando um centro microrregional.

Os dados obtidos nas entrevistas com pioneiros comprovam o grande aumento da população do novo município ao final da década de 1950. No período entre os anos de 1954 e 1959, foi aonde aconteceu o mais intenso fluxo migratório, ocupando terras em todas as localidades do interior. Este povoamento aconteceu simultaneamente, recendo agricultores das cidades gaúchas de Getúlio Vargas, Sobradinho, Três Passos,

---

<sup>10</sup> Área correspondente a 24 hectares.

Santa Cruz do Sul, Soledade, Encantado, Carazinho, Não-me-Toque, Panambi, Estrela, Barão do Cotegipe, Serafina Correa, Liberato Salzano, Palmeiras, entre outros.

De outras regiões de Santa Catarina também vieram famílias a fim de produzir e prosperar em Maravilha, sendo que os primeiros imigrantes vieram de Luzerna, Joaçaba, Palhoça, Campo Erê e Concórdia. Sendo estes, motivados de maneira semelhante aos gaúchos, saindo de regiões já densamente povoadas e com terras mais valorizadas economicamente.

As localidades do interior do município tiveram seu processo de ocupação de maneira semelhante, iniciando com produção para a subsistência e comercializando o excedente. O tamanho das propriedades, como já foi citado, era de 24 hectares, com exceção de algumas áreas da linha 51, sendo vendidas chácaras entre 8 e 12 hectares. Mas, já nos primeiros anos, parte das colônias foram fracionadas, aonde os proprietários revendiam parte de suas terras para outros imigrantes.

Os caboclos, ao final da década de 1950, passaram a habitar as localidades de linha Sargento, Poço Rico, Trindade e outras regiões menos habitadas por imigrantes. Não era raro o caso de problemas com a documentação da terra, aonde alguns adquiriram propriedades através de mapas e ao chegar já havia outros residindo. Com o tempo, através de intervenções, estas áreas foram legalizadas.

O setor agropecuário desde os primeiros anos de colonização mostrava sua pujança, com uma diversidade de produção de grãos e fumo, além da criação de suínos. Apesar de a produção ser feita com tração animal, o período entre os anos de 1960 e 1970 foi decisivo para o desenvolvimento local e para a evolução do setor, fazendo despontar no cenário local não somente o setor agrícola, mas também o comercial.

O sistema de compra e venda na época era feito com intermédio dos comerciantes que vieram a se estabelecer na sede do município. Toda a produção, principalmente a de fumo era adquirida pelos comerciantes, sendo que sua grande maioria era trocada antes mesmo da colheita por alimentos e utensílios para a lavoura. Os produtos adquiridos eram repassados para centros maiores, principalmente no Rio

Grande do Sul. Foi neste período que se intensificou o setor dos transportes, levado pela necessidade de escoar a produção e pelo aumento de capital em circulação.

Um dos primeiros a iniciar a produção de suínos para carne, ou porco branco, foi o agricultor Emilio Luneburger, oriundo da cidade de Luzerna – SC. Segundo Luneburger, a produção era altamente lucrativa, sendo que os custos para manter a produção eram baixos e a comercialização era garantida com os comerciantes locais, os quais repassavam os animais para abatedouros dos três estados do Sul, mas principalmente para o frigorífico do Atílio Fontana<sup>11</sup> na cidade de Concórdia - SC. De acordo com Emilio Luneburger, a atividade era vantajosa porque não necessitava da integração com os frigoríficos e também não havia a necessidade da compra de ração, aonde o alimento era somente a base de milho e mandioca, com produção própria ou adquirida com vizinhos a valores acessíveis.

Foi neste período, por volta de 1965, o surgimento das primeiras áreas de cultivo de milho com semente híbrida. Segundo Alcides Maurer, as primeiras sementes cultivadas eram oriundas do Rio Grande do Sul, as quais eram adquiridas por comerciantes ou pelos próprios agricultores que iam comprar as sementes, principalmente na cidade de Passo Fundo.

### **3.4.3 Período de modernização da agricultura (1970 – 1990)**

Foi a partir da década de 1970, que as transformações na agricultura do município de Maravilha se intensificaram. Com a retirada da quase totalidade da mata nativa a área agrícola foi aumentada. Apesar da boa produtividade com sementes crioulas, os híbridos, principalmente o milho, foram incorporados rapidamente em praticamente todas as propriedades.

No início, era possível plantar de duas a três safras sem a necessidade de uma nova compra de semente, ou seja, o agricultor adquiria em um determinado ano a quantidade necessária de semente para a sua produção e nos anos seguintes plantava

---

<sup>11</sup> Frigorífico que deu origem a empresa Sadia.

usando os grãos colhidos na sua propriedade. Uma prática bastante comum era a troca de semente, aonde os agricultores trocavam sementes colhidas nas propriedades. De acordo com os agricultores entrevistados, as sementes que proporcionavam maior produtividade e com melhor adaptação ao clima eram as escolhidas para as safras futuras.

A intensificação do uso do solo aconteceu com a introdução da motomecanização, sendo que o uso do trator nos primeiros anos era exclusivamente para lavar<sup>12</sup> e plantar. Era comum a prática de lavar o solo após cada colheita, de duas a três vezes ao ano. Para os agricultores, essa técnica, muitas vezes incentivada por técnicos pode ter sido a causa da perda da fertilidade do solo e, por conseqüência, a diminuição da produtividade.

A erosão do solo e assoreamento dos rios era algo visível, aja vista que, a terra fica exposta às intempéries climáticas. Segundo relatos obtidos na pesquisa, os técnicos que acompanhavam a produção de fumo, orientavam os produtores a retirar do solo todas as espécies de vegetação, mesmo as que já estavam secas. A solução para tamanha depredação do solo, foi a de adotar os fertilizantes químicos.

Os adubos de produção industrial chegaram à região em meados da década de 1970, sendo introduzidos conforme a necessidade de cada área agrícola. Apesar do aumento nos custos de produção, levado pela compra de semente e adubo, na época foi considerada de alta lucratividade. Mesmo produzindo 60 a 70 secas de milho por hectare, os agricultores conseguiam manter um bom padrão de vida. Esse período foi caracterizado como um dos melhores já passadas pelos agricultores, onde destacaram que o custo de vida era baixo por não haver necessidade da compra de produtos industrializados, já que se produzia um pouco de tudo na propriedade e o preço dos produtos para a venda era compensador.

Neste período a predominância ainda era de uma população essencialmente agrícola e com famílias numerosas, produzindo um pouco de tudo, tanto para a comercialização quanto para a subsistência. As áreas agrícolas na maioria eram em

---

<sup>12</sup> Reverter o solo com o uso de arado, tração animal ou mecanizada.

torno de 20 hectares, sendo fragmentadas com a divisão de heranças, sendo essa uma prática comum, onde os filhos homens ao casar recebiam uma área de terra para trabalhar e constituir família.

A década de 1980 foi o período em que o setor agrícola local sofreu as transformações mais bruscas. A implantação definitiva das espécies híbridas, dos adubos e dos defensivos químicos foi o marco para uma nova fase no sistema de cultivo. Com uma produção já afetada pelo desgaste do solo, o aumento dos custos somente estagnou a economia, principalmente dos produtores com áreas menores e com produção baseada na tração animal.

Na medida em que o tempo passou, o sistema tradicional de cultivo foi esquecido, o ato de capinar ou roçar as ervas daninhas cedeu lugar ao uso dos defensivos químicos. Com novos métodos, os custos de produção se tornavam cada vez mais elevados, fazendo com que a grande maioria dos produtores passasse a fazer uso de empréstimos bancários, a fim de adquirir as sementes e os insumos para preparar e plantar a terra.

Foi neste período que surgiu um novo agravante, o suíno tornou-se uma atividade pouco viável. Aquela sistema de engorda a base de milho foi substituído pelo uso da ração concentrada, fornecida pela agroindústria integradora. De acordo com os produtores, o lucro diminuiu drasticamente, já que era necessário adquirir todo o alimento e os remédios da empresa a um custo elevado, além de vender os animais para a mesma com preço não compensador, o que na maioria das vezes não chegava para pagar as despesas. Não bastando isso, veio a peste suína, também chamada de peste africana, sendo necessário sacrificar os animais, inclusive as matrizes. A partir de então, restaram poucos produtores de suínos no município de Maravilha.

O surgimento de um novo segmento para incrementar a renda dos agricultores surgiu também na década de 1980. A construção do frigorífico de aves contribuiu para a geração de empregos diretos e indiretos na cidade, incrementando a economia regional. Foi nesta fase em que se intensificou o fluxo migratório de trabalhadores do campo para a cidade, transformando as características do município, o qual era essencialmente agrícola e passou a ter a maior concentração de habitantes na zona urbana.

Os aviários também não tiveram contribuição direta para reverter os problemas de desenvolvimento da economia rural, onde os mesmos foram implantados em diversos municípios da região e não somente em Maravilha. E mesmo aqueles que foram contemplados com as cotas para a construção de um ou mais aviários já eram possuidores de uma economia estabilizada, assim, não contribuindo para emergir os mais descapitalizados.

Além da oferta de emprego na zona urbana, o êxodo rural foi forçado pelas crises no setor agrícola neste período. Segundo os agricultores, a década de 1980, foi a mais difícil já enfrentada no campo, ocasionado principalmente pelo elevado valor dos insumos, com o pagamento de juros elevados através da aquisição de empréstimos e principalmente pela desvalorização dos produtos de origem agrícola. Nesta época também se intensificou a migração para outros centros, como as capitais do Sudeste e o litoral de Santa Catarina.

#### **3.4.4 Período de diversificação da agricultura (1990 – 2008)**

A adubação verde<sup>13</sup> foi uma das técnicas marcantes adotadas pelos agricultores a partir da década de 1990, vindo com a necessidade de proteger o solo desgastado devido a evolução no processo de produção agrícola. A nova técnica de usar o solo com cobertura verde, muito praticada em outras regiões do Brasil, a princípio sofreu sanções por parte dos agricultores, onde os mesmos resistiram em abandonar as técnicas antigas, achando que o novo método não daria certo. Passado mais de uma década, a adubação verde não é mais novidade, sendo uma prática comum, inclusive apresentando bons resultados no aumento da produtividade, além de evitar a erosão.

O reflorestamento com espécies exóticas passou a fazer parte da paisagem da região, incrementando a renda dos agricultores e contribuindo para a diminuição da degradação das espécies nativas. Um dos fatores contribuintes para o reflorestamento foi o incentivo por parte de órgãos públicos, como o governo estadual, que oferecia uma remuneração aos agricultores que cultivassem as espécies de eucalipto e pinus. O

---

<sup>13</sup> Cultivo de espécies vegetais rasteiras a fim de produzir matéria orgânica para o solo.

eucalipto é a espécie que contribui tanto para o fornecimento de lenha para empresas quanto para o uso na construção civil.

A partir da década de 1990, o setor agrícola do município e região não sofreu grandes transformações no sistema de cultivo, a não ser pelo surgimento de novos financiamentos como o Pronaf, no qual o agricultor pode tomar empréstimos a juros considerados baixos para adquirir os insumos necessários da safra seguinte. O único fator de grande mudança citado pelos agricultores entrevistados, foi o da constante estagnação econômica, ocasionada pelas intempéries climáticas e principalmente pela desvalorização dos produtos, levado pelo alto custo da produção.

No início do novo século, o setor agrícola continua sem muitas alternâncias, inclusive mantendo-se estável no que se trata ao fluxo migratório, onde segundo o senso o IBGE (2007), nos últimos anos a população rural manteve-se quase a mesma, tendo uma leve redução. Fato que também merece destaque é a elevação nos preços das áreas agrícolas, o que pode ser um resquício da evolução do mercado imobiliário urbano.

A diferenciação econômica é algo marcante, percebendo-se alguns agricultores com uma elevada reprodução econômica enquanto outros que mal conseguem manter as necessidades básicas. Essa diferenciação não é restrita a regiões isoladas, mas esta mesclada em todas as regiões do município.

### **3.5 Tipos de unidades de produção e reprodução social dos agricultores**

Segundo Dufumier (2007), a elaboração de uma tipologia das explorações agrícolas em cada uma das zonas previamente demarcadas tem por finalidade mostrar como as diversas categorias de agricultores praticam diferentes sistemas de produção, de acordo com os recursos de que eles dispõem e com a natureza das relações sociais nas quais estão inseridas. Assim é possível compreender como as unidades produtivas se tornaram desiguais no processo de acumulação de capital, além de verificar como acontece a diferenciação dos sistemas de produção e o nível de mecanização praticado nesta microrregião.

Para entender a diversidade relacionada às relações sociais presentes nas unidades de produção, se faz necessário analisar a categoria social em que os agricultores pertencem. Com esta diferenciação é possível classificar os agricultores segundo as relações de produção, como familiares, patronais, assalariados, etc; de propriedade, como proprietários, arrendatários, meeiros, etc e de acordo com a troca que eles mantêm as relações com o mercado. Levando em consideração esses critérios, foram identificadas e caracterizadas três categorias sociais no município de Maravilha.

**a) Produtores Familiares:** tem como característica nas unidades de produção Familiares a gestão dos recursos e o trabalho serem realizados pelo proprietário e sua família, sendo esporadicamente contratada mão-de-obra, principalmente para a colheita do fumo e a contratação de serviços de máquina para o plantio e colheita do milho. Entre os produtores existem dois grupos com características econômicas e sociais distintas em decorrência do nível de capitalização, das atividades desenvolvidas e da maneira como o ecossistema é explorado. Aqueles agricultores que se estabeleceram na região central do município, cujas terras são em maior quantidade e com relevo mais plano, passaram a desenvolver atividades voltadas a produção em larga escala com o uso de máquinas. Aqueles que passaram a residir nas regiões um e três, tiveram que se adaptar ao tipo de relevo e ao tamanho das propriedades, cultivando fumo, grãos e menor escala e na maioria com uso de tração animal. A criação de aves pode ser encontrada nas três microrregiões do município, mas com maior intensidade na região três e dois, onde estão as famílias que tiveram uma melhor reprodução socioeconômica.

**b) Produtores Familiares minifundiários:** estes agricultores possuem pouca área de terra para o desenvolvimento das atividades agropecuárias, os quais complementam a renda com a venda da força de trabalho de alguns membros da família e com a aposentaria dos membros mais velhos. Esses trabalhadores praticam o cultivo de grãos para a subsistência e cultivam em alguns casos o fumo, o qual proporciona maior renda por hectare e os investimentos são financiados pela empresa fumageira. Por não terem conseguido uma melhor reprodução socioeconômica, não conseguiram se enquadrar nos sistemas de integração com as cooperativas para a criação de aves e nem adquirir um plantel leiteiro de boa genética, sendo usados animais de pouca produtividade para o comércio de leite.

O segundo grupo de variáveis utilizada para estabelecer a tipologia dos agricultores do município de Maravilha, esta relacionada aos sistemas de produção que praticam, sendo definidos pelos meios de produção disponíveis e pela combinação das atividades agrícolas na unidade de produção. Um mesmo agricultor pode usar diferentes sistemas de produção, baseado nos recursos que o mesmo dispõe na proporcionar a produção.

O que gera mais influencia para a definição dos sistemas de produção em Maravilha é o grau de capitalização, sendo medido pelo grau de mecanização, o qual interfere nos tipos de atividades desenvolvidas na unidade de produção. Nas etapas do estudo realizadas anteriormente, foram identificadas e caracterizadas três tipos de tração nas unidades de produção, sendo elas:

**a) Tração animal (TA):** esses agricultores usam a tração animal para o preparo do solo para o plantio, além da aplicação de defensivos e o transporte dos produtos da lavoura para o galpão. Este tipo de tração é bastante comum no cultivo do fumo, o qual é praticado por agricultores familiares e em pequenas extensões de terra.

**b) Tração Mecanizada Incompleta (TMI):** são agricultores que possuem área de terra com relevo aonde esse trabalho pode ser empregado para a produção de grãos, sendo que os mesmos possuem os mecanismos básicos como trator, plantadeira e carretão, sendo terceirizada a colheita e o transporte dos produtos.

**c) Tração Mecanizada Completa (TMC):** neste caso são agricultores bem equipados para a produção, incluindo trator, colhedeira, caminhão e outros equipamentos do gênero.

Levando em consideração os critérios acima estabelecidos, a agricultura do município de Maravilha apresenta diferenças de tipo de agricultores. Nesta etapa do estudo é feita a análise técnica e econômica, sendo que nas três zonas agrícolas homogêneas delimitadas pelo agroecossistema e o sistema social produtivo, pode-se identificar os seguintes tipos de agricultores e sistemas de produção:

Unidades de Produção Agropecuária com Tração Animal  
- Familiar Minifundiário (TA) – Fumo/grãos/subsistência

- Familiar (TA) – Fumo/leite/grãos/subsistência
- Familiar (TA) – Aves/fumo/leite/grãos/subsistência
- Familiar (TA) – Aves/leite/grãos/subsistência

Unidade de Produção Agropecuária com Tração Mecanizada Incompleta

- Familiar (TMI) – Fumo/grãos/subsistência
- Familiar (TMI) - Leite/grãos/subsistência
- Familiar (TMI) – Grãos/subsistência

Unidade de Produção Agropecuária com Tração Mecanizada Completa

- Familiar (TMC) – Grãos/subsistência
- Familiar (TMC) - Grãos/leite/eucalipto/subsistência

Com a elaboração da tipologia notou-se uma predominância dos agricultores familiares, os quais praticam a agricultura para a subsistência e comércio de fumo, leite e grãos, tendo o milho como o principal produto, além da integração com cooperativas para a criação de aves (frangos). Os tipos familiares minifundiários dedicam-se a subsistência, vendendo somente um pouco do excedente de grãos, tendo o fumo como a principal fonte de obtenção de renda. Os agricultores capitalizados encontram-se em menor número, trabalhando com grãos e leite.

A tabela 5 tem como objetivo principal mostrar a superfície mínima para a reprodução social dos agricultores pesquisados, os quais representam outros tipos com características socioeconômicas semelhantes. Um dos problemas enfrentados pelos agricultores é a pouca área de terra disponível para o desenvolvimento de suas atividades, obrigando-os a aderir a atividades intensivas como a produção de fumo.

Essa característica de propriedades menores é presenciada principalmente nas zonas um e três. Nesses locais, ao longo do tempo, as propriedades foram sendo divididas entre os herdeiros, sendo que esses com o passar do tempo não conseguiram adquirir outras áreas de terra. Na zona dois, parte central do município é encontrada os agricultores com maior área, suficiente para proporcionar um bom desenvolvimento socioeconômico. Esse fato ocorre desde a origem da formação do município, sendo que nessa região foram vendidas as maiores áreas de terra e devido ao bom rendimento econômico, ao longo do tempo foram adquirindo outras áreas, principalmente daqueles

descapitalizados, que não tinham condições econômicas de continuar desempenhando suas atividades.

Tabela 5: Superfície de área mínima e nível de reprodução social

Tipos de agricultores e de sistemas de produção	SAU/UTF	GNP	A	Y	NRS
Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Fumo/Subsistência	4,2	616	1936	7.727	10790
Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Fumo/Leite/Subsistência	3,7	1.472	2157	7.417	16185
Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Leite/Fumo/Aves/Subsistência	2,6	6.397	4619	10.685	21580
Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Leite/Aves/Subsistência	4,3	6.559	2861	9.390	16185
Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Milho/Fumo/Subsistência	4,0	2.887	3077	6.977	13487,5
Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Milho/Leite/Subsistência	3,8	2.309	1886	5.919	10790
Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Soja/Milho/Subsistência	6,5	1.287	2853	12.275	10790
Familiar Tração Mecanizada Completa (TMC) – Milho/Trigo/Soja/Subsistência	10,5	14.431	2879	14.080	10790
Familiar Tração Mecanizada Completa (TMC) – Soja/Milho/Leite/Eucalipto/Subsistência	6,8	12.076	1326	9.283	21580

SAU/UTF: Superfície de terra útil por

GNP: Gastos não proporcionais à superfície

A: Contribuição marginal da renda agrícola

Y: Renda por unidade de trabalho familiar

NRS: Nível de reprodução social

SAU/ UTF.MIN: Superfície de terra útil mínima por unidade de trabalho

A renda por unidade de trabalho familiar é o rendimento por unidade de trabalho tendo por base o salário mínimo mais o décimo terceiro salário, o que foi estipulado como o mínimo necessário para proporcionar a sobrevivência do indivíduo. Sendo assim, a maioria dos trabalhadores das zonas um e três, possuem um rendimento anual pouca acima do mínimo necessário, não sendo possível proporcionar renda suficiente para investimentos na propriedade ou para aderir a novos sistemas de produção.

Para proporcionar um nível de reprodução social adequado, se faz necessário, além de outros fatores, ter um aumento da superfície de terra útil das propriedades das zonas um e três. Assim, se for mantido o mesmo tipo de sistema de produção, esses agricultores poderiam ter um aumento nos seus rendimentos anuais. Mas como a maior parte desses produtores não possui renda suficiente para investimentos em novas áreas, uma alternativa é desempenhar atividades com maior valor agregado, possibilitando ter uma renda maior nas unidades de produção já existentes.

## **4 RESULTADOS ECONÔMICOS DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO**

Neste capítulo é apresentada uma análise individual dos tipos de produtores que compõem os diferentes sistemas agrícolas do município de Maravilha, fazendo uma caracterização das unidades de produção e da composição da renda, além da análise comparativa da situação socioeconômica dos tipos de agricultores. O objetivo desta análise é avaliar a performance dos principais sistemas de produção praticados pelos agricultores, bem como as condições sob as quais estes sistemas permitem garantir a reprodução socioeconômica dos diferentes tipos de agricultores.

### **4.1 ANÁLISE INDIVIDUAL DOS TIPOS DE PRODUTORES**

#### **4.1.1 Familiar Minifundiário Tração Animal (TA) – Fumo/grãos/subsistência**

Os locais aonde esses tipos de produtores predominam são as zonas um e três, com maior quantidade na zona um, mas sendo encontrados nas demais regiões. São agricultores que possuem as menores áreas de terra, de 5 a 10 hectares. As características de relevo dessas propriedades são bastante parecidas, prevalecendo relevo acentuado, desgastados pela erosão e pelo uso excessivo com as atividades agrícolas.

Em todos os casos o trabalho é feito com mão-de-obra familiar, o casal e eventualmente os filhos. No caso dos filhos, esses ajudam nas tarefas mais simples, como nos cuidados com os animais domésticos, além da ajuda na época do plantio, colheita e classificação do fumo. Nestes períodos citados anteriormente, é comum a troca de dias de serviço entre vizinhos ou parentes, visando uma maior concentração de mão-de-obra, já que o período de plantio e colheita do fumo é bastante curto.

Esses tipos de agricultores também produzem milho em pequenas áreas, aonde a produção é para o consumo dos animais domésticos e uma pequena parte é comercializada. O rendimento de produção é bastante reduzido, cerca de 60 a 80 sacos por hectare, condicionado pela baixa qualidade das sementes, pouca fertilidade do solo e pelo uso de técnicas rudimentares. Também produzem legumes e verduras para o consumo próprio, além da engorda de aves e suínos.

Outro item de destaque é o estado de conservação das benfeitorias, predominando casas, galpões, estábulos e pocilgas bastante depreciadas. Os equipamentos são simples, não passando do arado de tração animal, máquinas para plantar e pulverizar manual, além de carroça, sendo comum o empréstimo de equipamentos entre os vizinhos.

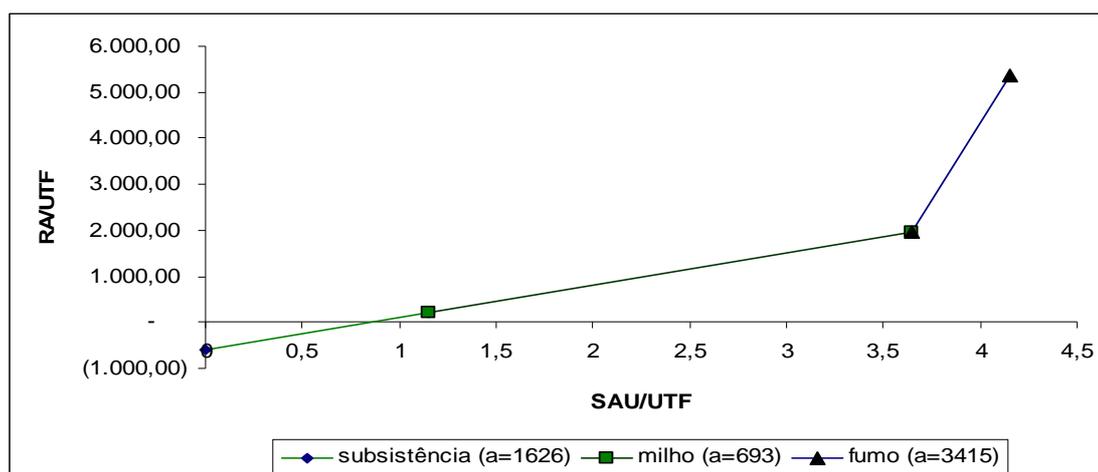


Figura 6: COMPOSIÇÃO DA RENDA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR TRAÇÃO ANIMAL (TA) – MILHO/FUMO/SUBSISTÊNCIA

SAU= 8,3      UTF= 2      RA/UTF= 7726,94

Ao analisar a figura 6 é possível perceber que o fumo e as atividades de subsistência são os que mais contribuem em relação à área disponível, quase 60% e 28% respectivamente. Isso se deve principalmente pela concentração dessas atividades em áreas menores, sendo que o fumo necessita de pouca área, mas demanda de uma grande quantidade de trabalho. Já a subsistência não proporciona a sobrevivência econômica do agricultor, tendo em vista que, o mesmo necessita de atividades comerciais para manter a propriedade e a sobrevivência da família. O milho representa

pouca margem de rendimento, devido às condições técnicas de cultivo e pela pouca área disponível para essa atividade.

Esse tipo de agricultor está quase no limite para chegar à estagnação, aonde a renda por unidade de trabalho familiar está pouca acima do necessário para a reprodução social e a quantidade de área disponível por unidade de trabalho também está quase no limite. O fato da baixa capacidade de reprodução econômica pode ser explicado pela evolução histórica econômica e social. Esses agricultores iniciaram suas atividades de produção em precárias condições, não conseguindo a inserção em programas de desenvolvimento ou em outras atividades mais rentáveis, isso, devido a pouca área de terra disponível e pela não disposição de recursos econômicos para adentrar em outras atividades, como a produção de aves ou leite, as quais necessitam de um elevado capital e áreas de terra maiores, caso do leite.

#### **4.1.2 Familiar Tração Animal (TA) – Fumo/leite/grãos/subsistência**

A maioria das propriedades das regiões um e três são compostas por agricultores familiares, com tração animal, produzindo fumo, leite e grãos. Mais da metade dos agricultores dessas duas regiões trabalha nessas atividades, possuindo áreas de terra na média de 12 hectares, as quais possuem relevo diversificado, com áreas de encostas, sendo usadas para o plantio de fumo e milho, reservando os locais mais planos para a pastagem do gado leiteiro.

O rebanho leiteiro é composto por animais de média e baixa qualidade genética, proporcionando pouca produção de leite por animal, cerca de 7 litros por dia. O leite é repassado para cooperativas ou agroindústrias particulares da região. Já a produção de milho fica em torno de 80 sacos por hectare, sendo a média de produção entre os agricultores que usam a tração animal e que possuem pequenas áreas de terra.

A mão-de-obra desses tipos de produtores é composta pelo casal e os filhos, tendo em torno de quatro pessoas participando das atividades diárias. Na produção de fumo é que esporadicamente é usada a mão-de-obra de terceiros, na época do plantio e colheita, ao contrário da produção leiteira, a qual necessita diariamente do trabalho dos

membros da família, principalmente para a ordenha, sendo essa feita manualmente na maioria das propriedades, tendo poucos agricultores nessas duas zonas que dispõem de ordenhadeira mecânica. O plantio do milho é feito manualmente ou através de contratação de máquinas de terceiros para plantar e colher.

As instalações são mescladas entre as bem depreciadas e as de razoável estado de conservação. Poucos são os agricultores que possuem sala de ordenha, sendo que a maioria ainda faz uso do estábulo de madeira ao lado ou dentro de galpões. É comum o uso de cerca eletrificada para manter os animais nas pastagens. Essa alternativa é usada devido ao seu baixo custo e a facilidade de manutenção. As máquinas e equipamentos são basicamente o arado, a carroça e o pulverizador costal.

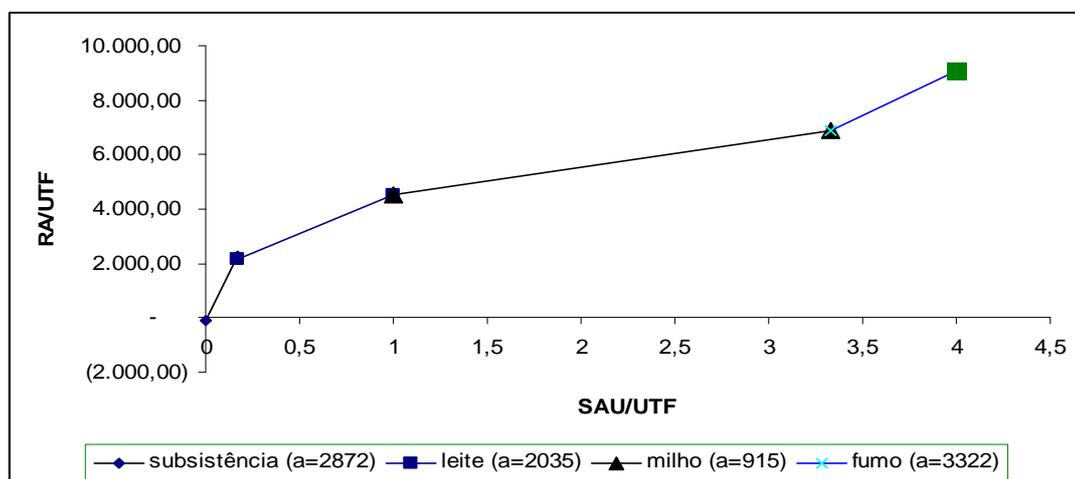


Figura 7: COMPOSIÇÃO DA RENDA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR TRAÇÃO ANIMAL (TA) – MILHO/FUMO/LEITE/SUBSISTÊNCIA

SAU= 12 UTF= 3 RA/UTF= 7.417,42

Como está sendo mostrado na figura 7, esse tipo de agricultor familiar que cultiva milho, fumo, leite, além da subsistência, tem como atividade mais rentável em relação ao coeficiente  $a^{14}$ , o fumo, sendo responsável por quase 34%, ficando o leite e terceiro com 22% e o milho em quarto lugar com quase 11%. O fato de o fumo ser o responsável pela maior renda na relação área e unidade de produção pode ser explicado pela pouca área utilizada para essa atividade e pelo alto valor agregado.

<sup>14</sup> Margem de contribuição por hectare

A produção de leite neste caso não representa rendimentos elevados, mas, é mais rentável que o milho, levado principalmente pela pouca área ocupada. O milho fica em último lugar devido ao pouco rendimento por hectare, ocasionada pela utilização de técnicas rudimentares, sendo deixado em segundo plano por não ser favorável as pequenas propriedades. Esse tipo de agricultor também está no limite, não tendo uma produção e área de terra suficiente para proporcionar rendimento satisfatório.

#### **4.1.3 Familiar Tração Animal (TA) – Aves/fumo/leite/grãos/subsistência**

Com uma diversificação das atividades produtivas, os tipos de trabalhadores familiares com tração animal, aves, fumo, leite, grãos, são encontrados em maior número na zona três, tendo também alguns nas zonas um e dois, sendo que nesta última em número inexpressivo. Esses tipos de produtores apresentam um grau de capitalização maior que os apresentados anteriormente, isso levado pela produção de aves.

Por possuir uma diversidade maior de atividades, nesses tipos de produtores é comum a contratação de serviços de terceiros para o plantio e colheita do milho. Para a produção de fumo, acontece a troca de dias de serviço entre vizinhos ou o trabalho é feito de maneira mais lenta, ficando mais vulneráveis as intempéries climáticas.

Com área de terra entre 8 e 15 hectares, esses agricultores dispõem de áreas mais favoráveis em relação ao relevo, para a produção de grãos, a qual tem uma produção maior devido a fertilização do solo com o uso dos dejetos das aves. A produção de milho por hectare fica na média de 110 sacos. A tração animal é usada para o cultivo do fumo, no qual é usado a carroça, arado, pulverizador costal e uma junta de bois.

Nessas propriedades é percebida uma melhor qualidade nas instalações, principalmente nas residências. São encontrados salas de ordenha devidamente equipadas e os aviários estão em boas condições de uso. O gado leiteiro possui variada qualidade genética, tendo propriedades que possuem animais que produzem 7 litros de leite por dia e outras que passam de 20 litros diários.

Neste caso, esse tipo de agricultor familiar possui uma maior diversificação das atividades econômicas, associando milho, leite, fumo, aves e as atividades de subsistência. A produção de aves é a atividade que mais proporciona renda em relação à área, 67%. Isso ocorre por que o local para abrigo das aves e suas dependências ocupam entre um e dois hectares e pelo alto valor agregado. Essa atividade demanda de investimentos elevados, além de condições técnicas, não sendo possível ser viabilizadas para os agricultores menos capitalizados, o que contribui para a elevação da diferenciação socioeconômica entre os mesmos.

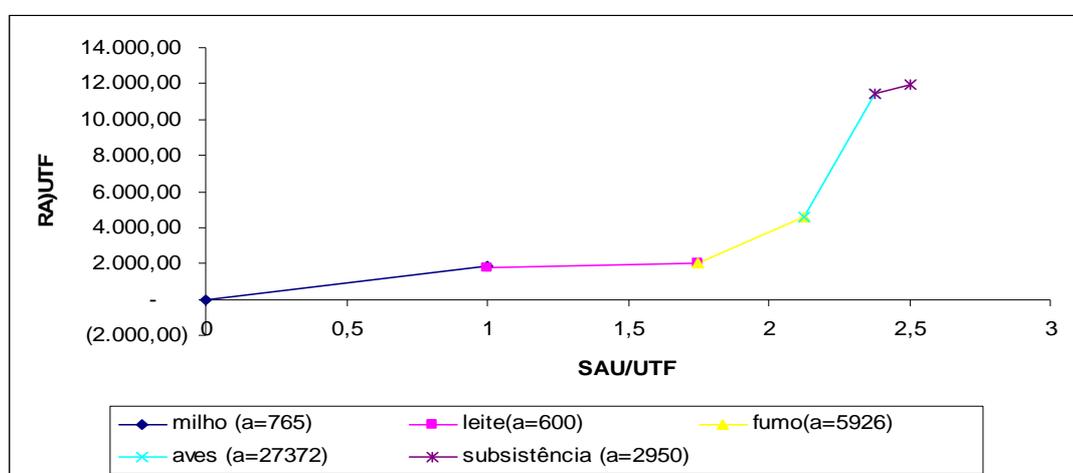


Figura 8: COMPOSIÇÃO DA RENDA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR TRAÇÃO ANIMAL (TA) – MILHO/LEITE/FUMO/AVES/SUBSISTÊNCIA

SAU=10 UTF= 4 RA/UTF= 8.524,29

Para esse tipo de agricultor, o fumo ficou responsável por 17% da renda, o milho por 5%, o leite por 0,5%, aves 67% e a subsistência 11,5. O baixo rendimento na produção de leite é relacionado a pouca quantidade de animais e os mesmos serem de baixa qualidade genética, produzindo quantidades menores. Levado pela produção de aves e fumo, esse tipo de agricultor está em uma situação socioeconômica mais favorável, o que pode ser percebido na tabela 9 (item 4.2)

#### 4.1.4 Familiar Tração Animal (TA) – Aves/leite/grãos/subsistência

São os tipos de produtores encontrados principalmente na zona três. Dedicam-se a produção de leite e aves, possuindo áreas de terra em torno de 13 hectares. A mão-de-

obra é destinada principalmente para a produção de leite, a qual apesar de ser usada máquina como ordenhadeira, necessita de um trabalho intensivo durante o processo de recolhimento do gado e na ordenha.

Para a produção de aves é usado na maioria dos aviários sistemas automatizados de alimentação, abastecimento de água, aquecimento e resfriamento do ambiente. Por possuir tração animal, necessitam da contratação de serviços terceirizados para plantar e colher o milho. Nestes tipos de produtores, é comum encontrar a divisão de tarefas, aonde cada membro da família é responsável por uma atividade, recebendo ajuda nas fases de maior concentração de trabalho.

As benfeitorias são de boa qualidade, construções residenciais em alvenaria e aviários em bom estado de conservação. As salas de ordenha são facilmente encontradas, sendo que após serem ordenhadas, as vacas são soltas para pernoitar ao ar livre. Também é comum encontrar locais aonde o gado costuma pernoitar no local da ordenha e somente é solto no dia seguinte.

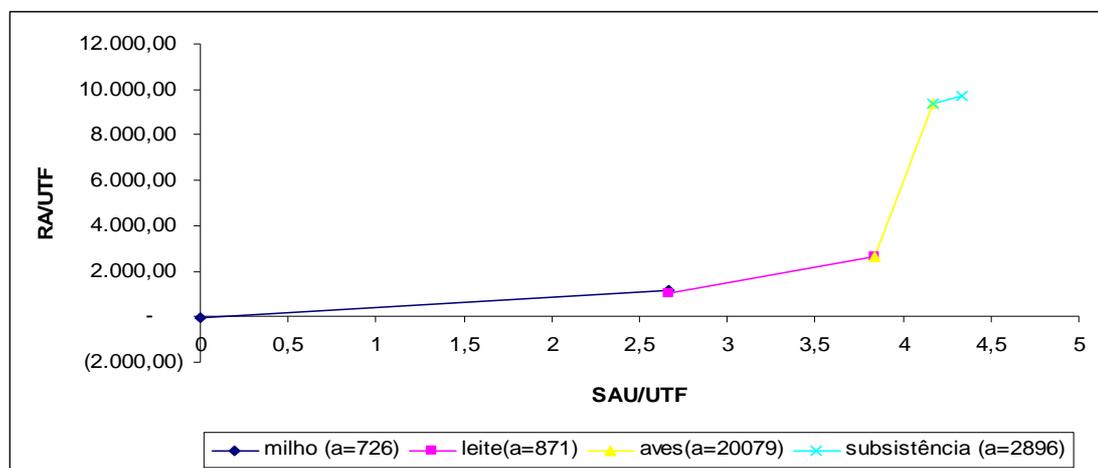


Figura 9: COMPOSIÇÃO<sup>2</sup> DA RENDA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR TRAÇÃO ANIMAL (TA) – MILHO/LEITE/AVES/SUBSISTÊNCIA

SAU= 13      UTF= 3      RA/UTF= 7.611,65

As aves é o que mais contribui para a geração de renda, 75,56%, cerca de três quartos de todas as atividades. Isso ocorre devido à concentração da atividade em um pequeno espaço e pelo alto valor agregado ao produto. Mas, essa atividade proporciona uma elevação na disparidade econômica entre os agricultores, beneficiando aqueles que

historicamente já possuíam condições favoráveis para o desenvolvimento socioeconômico. As demais atividades ficam na média entre os demais tipos de agricultores, tendo o leite como um contribuinte significativo de renda.

#### 4.1.5 Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Fumo/grãos/subsistência

Nas zonas dois e três, são encontrados os agricultores familiares com tração mecanizada incompleta, produzindo fumo e grãos. São caracterizados como TMI, aqueles que não possuem todo o maquinário necessário para a produção. A mão-de-obra também é familiar, sendo composta pelo casal e um ou dois filhos.

Nestes casos, a dedicação maior é para a produção de milho, sendo que a média da área das propriedades é de 13 hectares, sendo destinada cerca de 10% da área total para a produção de fumo e para subsistência, ficando o restante reservado para a produção de milho safra e safrinha. Para o preparo do solo e plantio, é comum o uso dos equipamentos da propriedade, sendo contratado o serviço de terceiros para a colheita.

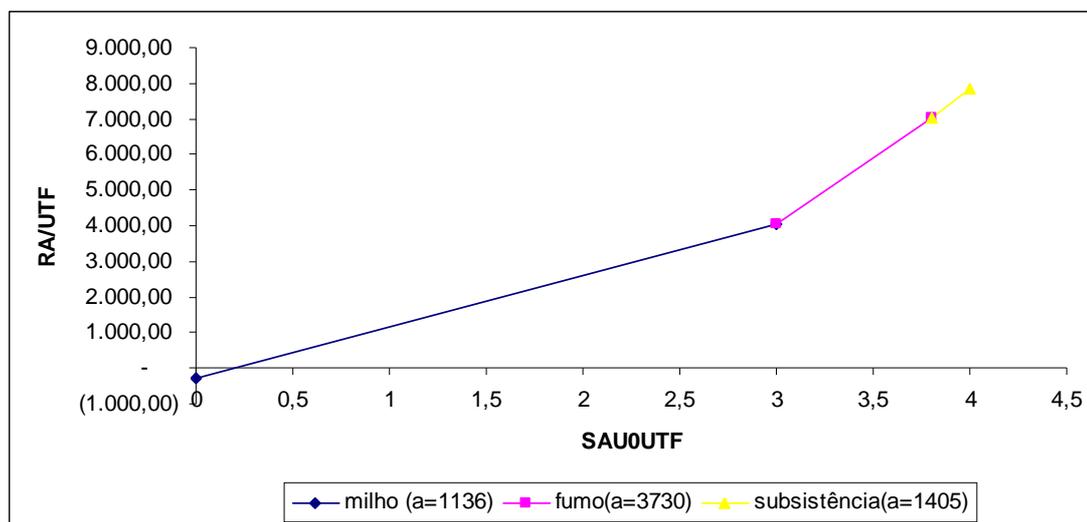


Figura 10: COMPOSIÇÃO DA RENDA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR TRAÇÃO MECANIZADA INCOMPLETA (TMI) – MILHO/FUMO/SUBSISTÊNCIA

SAU= 10      UTF= 2,5      RA/UTF= 7.866

Não é raro encontrar nestas propriedades instalações em bom estado de conservação. Já o maquinário, como trator, carretão e plantadeira, são de pouco

desempenhos, devido à baixa potência e o tempo de uso ser elevado. A produção de milho por hectare fica em torno de 100 a 120 sacos.

A principal característica desse agricultor é a pouca diferenciação na margem de renda entre as atividades fumo e milho. O fumo por ocupar menos área de terra, proporciona maior renda por área (R\$/ha), quase 47%, sendo que o milho é responsável por 35,57%. A produção de milho se torna mais favorável nas propriedades com maior área disponível e com relevo menos acentuado, sendo possível empregar técnicas mais avançadas, como o uso de sementes e fertilizantes e melhor rendimento.

Esse agricultor como tração mecanizada incompleta possui boa reprodução social, disponibilizando de área de terra maior que a mínima para a sobrevivência. Por ter condições técnicas como máquinas e terras favoráveis, esse tipo de agricultor optou por uma menor diversificação de atividades e maior concentração do uso da terra.

#### **4.1.6 Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) - Leite/grãos/subsistência**

Esses tipos de agricultores familiares com tração mecanizada incompleta se diferenciam dos anteriores por se dedicarem à produção de leite. São encontrados principalmente nas zonas dois e três, possuindo áreas de terra de 7 a 10 hectares. Usam mão-de-obra familiar, geralmente o casal e um filho.

A produção de leite é maior, possuindo animais de boa genética, produzindo a média de 20 litros de leite por dia. A produção de milho é basicamente para a alimentação do gado. Pode ser usado para fazer silagem<sup>15</sup> ou colhido, sendo que neste caso é vendido ou depositado na cooperativa ou em comerciantes particulares, sendo retirado ao longo do ano para alimentar o gado. A rentabilidade por hectare fica na média de 100 sacos.

São agricultores mais capitalizados em relação aos tipos anteriores, possuem moradias e demais instalações em bom estado de conservação, inclusive sala de ordenha

---

<sup>15</sup> Milho triturado, armazenado e servido ao gado ao longo do ano

em alvenaria, munidas de ordenhadeira e resfriador de leite a granel. O maquinário como o trator e os demais equipamentos são usados, cerca de 10 a 20 anos de uso.

Também menos diversificado, esse tipo de agricultor com tração mecanizada incompleta trabalha somente com milho, leite e subsistência. Neste caso percebe-se uma maior representação das atividades de subsistência no coeficiente a, com 53,44%. Mas, como não é uma atividade comercial, o que mais representa rendimentos é o leite com 29,53%, quase o dobro que o milho. Isso acontece pela concentração da produção em uma área menor e pela agregação de valor a atividade, ao contrário do milho que necessita de mais investimentos e os rendimentos são menores.

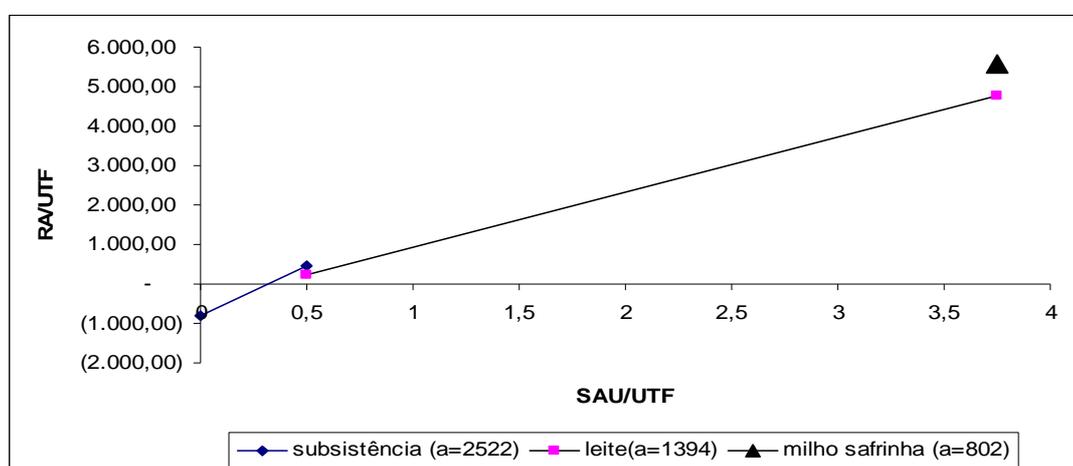


Figura 11: COMPOSIÇÃO DA RENDA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR TRAÇÃO MECANIZADA INCOMPLETA (TMI) – MILHO/LEITE/SUBSISTÊNCIA  
SAU= 7,5    UTF= 2    RA/UTF= 5.919,26

#### 4.1.7 Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Grãos/subsistência

Os agricultores com tração mecanizada incompleta predominam nas zonas dois e três. Apesar de possuir pouca terra, cerca de 13 a 18 hectares, sobrevivem cultivando milho e soja. A mão-de-obra nestes casos é exclusiva do homem para a produção de grãos, tendo participação da mulher nas atividades de subsistência, além da contratação de serviços terceirizados para a colheita.

A produção não muda em relação aos demais produtores, ficando em torno de 100 a 120 sacos de milho por hectare e de 35 a 45 sacos por hectare de soja. O relevo nessas propriedades no geral é plano, tendo áreas com pequenas ondulações. Nestas propriedades é comum o uso de adubação verde, contribuição para a proteção e fertilização do solo.

O trator e os equipamentos como plantadeira, carretão e pulverizador, são menos depreciados do que aqueles usados pelos agricultores dos tipos anteriores. Possuem as benfeitorias como a casa e galpões em bom estado de conservação, demonstrando que possuem boa capacidade de reprodução financeira.

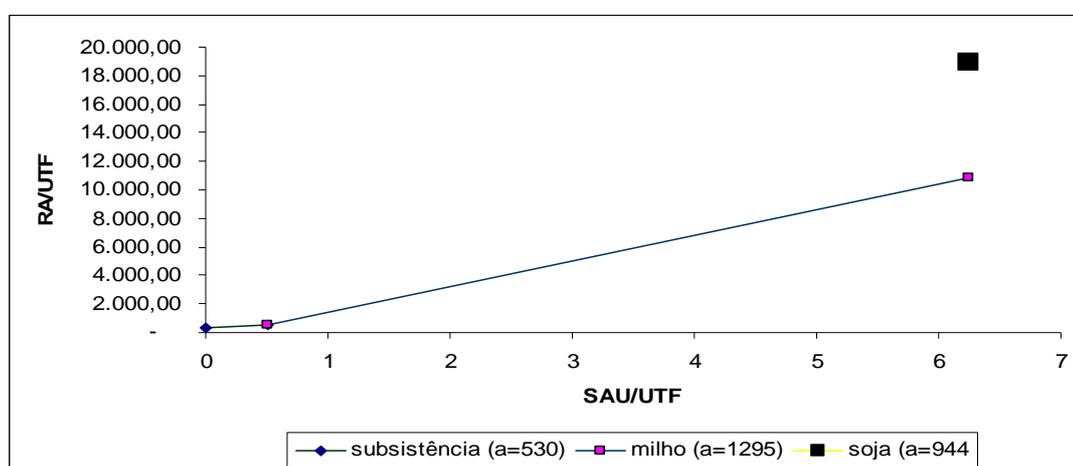


Figura 12: COMPOSIÇÃO DA RENDA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR TRAÇÃO MECANIZADA INCOMPLETA (TMI) – SOJA/MILHO/SUBSISTÊNCIA

SAU= 13      UTF= 2      RA/UTF= 13.375

Com área de terra maior em relação à média dos agricultores do município, esse tipo de agricultor com tração mecanizada incompleta de dedica exclusivamente a produção de soja e milho, além das atividades de subsistência. O milho é que mais contribui com renda por hectare 51,73%, mas necessita de maiores investimentos em relação à produção de soja, o qual representa 38,75%. Assim, cabe ao agricultor avaliar as condições do mercado para optar por uma ou outra cultura, ou mesmo alternar, plantando na safra uma cultura e na safrinha outra.

#### 4.1.8 Familiar Tração Mecanizada Completa (TMC) – Grãos/subsistência

Esses agricultores se diferenciam dos tipos anteriores por estarem munidos de todos os equipamentos e maquinário necessário para a produção. Possuem trator, plantadeira, carretão, colhedeira e caminhão. Usam de pouca mão-de-obra, ficando o trabalho na lavoura sob a responsabilidade do homem e um filho e as atividades de subsistência com a mulher.

São agricultores encontrados somente na zona dois, aonde o relevo é menos acentuado e as propriedades possuem áreas maiores, acima de 20 hectares, produzindo até 180 sacos de milho por hectare. É uma região conhecida como a mais desenvolvida economicamente do município, se destacando também como a região aonde o hectare de terra é mais valorizado no mercado imobiliário.

As benfeitorias estão em bom estado de conservação, incluindo além do maquinário que possui pouco tempo de uso, residências em alvenaria e galpões para abrigar as máquinas. É comum encontrar produtores com automóveis novos ou seminovos, demonstrando o grau de capitalização elevado, principalmente se comparado com os agricultores da zona um.

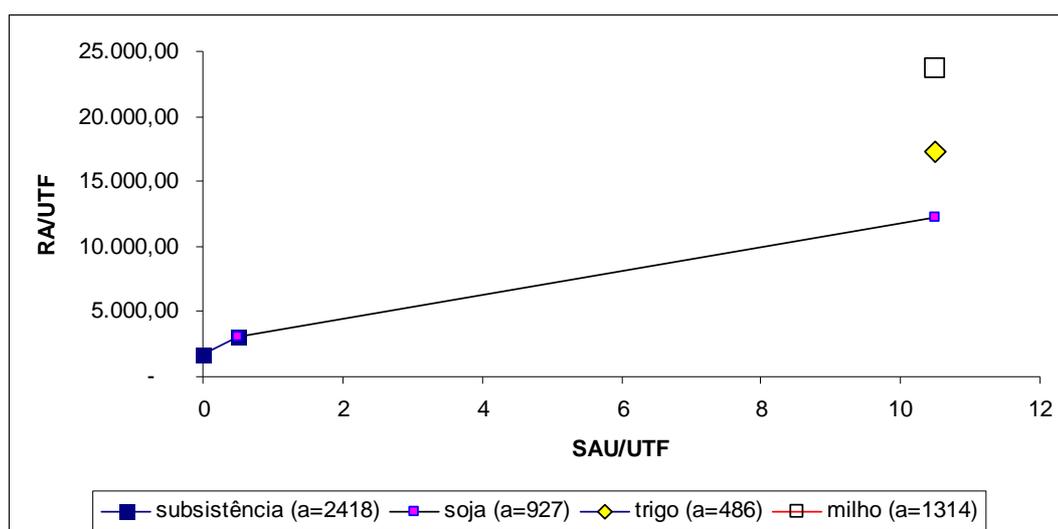


Figura 13: COMPOSIÇÃO DA RENDA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR TRAÇÃO MECANIZADA COMPLETA (TMC) – MILHO/TRIGO/SOJA/SUBSISTÊNCIA

SAU= 21      UTF= 2      RA/UTF= 14.080

Com área de terra maior, 21 hectares, esse tipo de agricultor familiar com tração mecanizada completa produz somente grãos. As atividades mais rentáveis é o milho e o trigo. Por possuir área de terra mais favorável em relação ao relevo e por possuir condições técnicas e econômicas, esse tipo de agricultor concentra seu trabalho em atividades menos intensivas, demonstrando que a produção de fumo, por exemplo, somente é favorável as pequenas propriedades.

#### **4.1.9 Familiar Tração Mecanizada Completa (TMC) - Grãos/leite/eucalipto/subsistência**

Uma diferença entre esses tipos de agricultores em relação aos anteriores é a diversificação de atividades. São encontrados na zona dois, a área central do município, possuem acima de 20 hectares de terra, sendo que em casos mais de 30, se destacam pelo uso de maquinário completo, como trator e todos os equipamentos, além de colhedeira e caminhão. A mão-de-obra é familiar, composta pelo casal e filhos, sendo feita contratação de mão-de-obra temporária, épocas de plantio e colheita.

A produção de leite é destaque, principalmente pela quantidade produzida mensalmente e pela qualidade genética dos animais, os quais produzem mais de 20 litros de leite por dia. A produção de milho é na média de 150 sacos por hectare e a de soja na média de 40 sacos por hectare. Além destas atividades, comercializam madeira, uma fonte suplementar de renda, usando as áreas não favoráveis para o cultivo de grãos ou para a pastagem dos animais.

Em relação às instalações, são pouco depreciadas, a maioria edificada em alvenaria. Fazem parte das benfeitorias além da residência, galpões para guardar as máquinas, sala de ordenha equipadas com ordenhadeiras e refrigeradores a granel. Por possuírem tais benfeitorias, equipamentos e pela produção, são caracterizados como os agricultores mais capitalizados do município.

Tendo uma diversificação nas atividades comerciais, esse tipo de agricultor com tração mecanizada completa, tem sua maior concentração de renda na produção de grãos. As atividades de subsistência têm considerável percentual de contribuição devido

à pequena área de terra útil e um maior número de UTF. Para as atividades comerciais os grãos demonstram maior viabilidade, levados pela quantidade de terra e pelo uso de técnicas e sistemas mais eficazes na produção, como sementes e fertilizantes com maior potencial de produção.

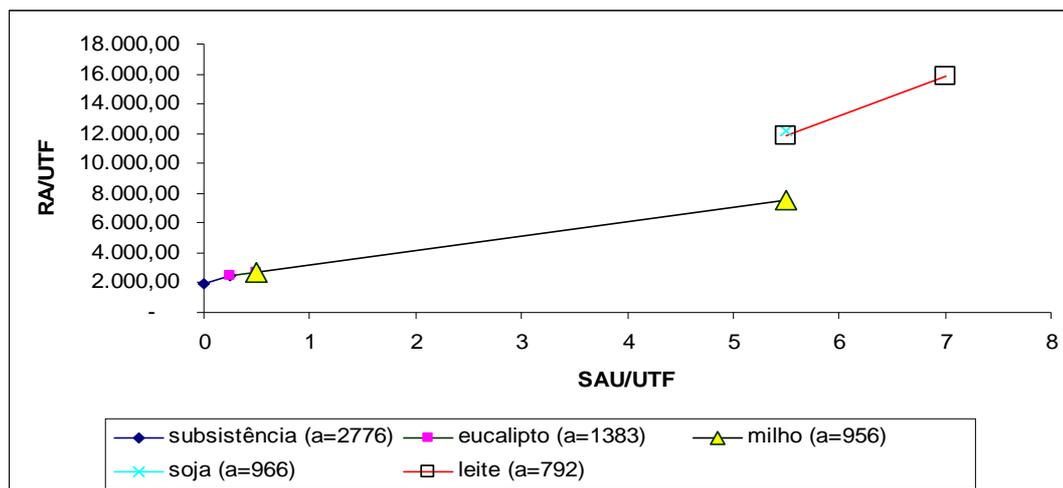


Figura 14: COMPOSIÇÃO DA RENDA AGRÍCOLA DO TIPO FAMILIAR TRAÇÃO MECANIZADA COMPLETA (TMC) – SOJA/MILHO/LEITE/EUCALIPTO/SUBSISTÊNCIA  
SAU= 27,3 UTF= 4 RA/UTF= 9.280

#### 4.2 ANÁLISE COMPARATIVA DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO

Com a análise comparativa da situação socioeconômica dos tipos de agricultores é possível identificar como está a capacidade de obtenção de renda por atividade desenvolvida e a relação com o tamanho da área utilizada para a produção. Para fazer essa avaliação foi levado em consideração o valor agregado por hectare em relação à unidade de trabalho familiar. Para esta análise foi buscado fazer a análise da quantidade de área de terra útil por unidade de trabalho, podendo ser possível identificar aqueles que estão desenvolvendo atividades compatíveis com a área disponível para proporcionar resultados econômicos satisfatórios e aqueles que estão trabalhando em áreas não compatíveis com o tamanho de terra que possuem.

Na tabela 6, é possível identificar o rendimento que cada sistema de produção proporciona por hectare disponível para cada unidade de trabalho. Na maioria dos casos, são os sistemas de produção com menor área útil que proporcionam os maiores rendimentos, isso é ocasionado pelo uso de sistemas intensivos de produção, como o fumo e aves, os quais proporcionam um rendimento elevado e ocupam pequenos espaços. Mas o que pode ser percebido é que esses sistemas intensivos necessitam de mais mão-de-obra, caso do fumo, e maior valor agregado na produção de aves.

Tabela 6: Área por Unidade de Trabalho Familiar e Valor Agregado por Unidade de área dos Sistemas de Produção.

Sistemas de produção	Área por unidade de trabalho familiar (Ha/UTF)	Valor agregado por hectare (R\$/Ha)
Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Fumo/Subsistência	4	2.004,4
Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Fumo/Leite/Subsistência	4	2.047,8
Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Leite/Fumo/Aves/Subsistência	3	5.084,9
Familiar Tração Animal (TA) – Milho/Leite/Aves/Subsistência	4	2.378,5
Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Milho/Fumo/Subsistência	4	2.125,9
Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Milho/Leite/Subsistência	4	2.042,5
Familiar Tração Mecanizada Incompleta (TMI) – Soja/Milho/Subsistência	7	2.161,2
Familiar Tração Mecanizada Completa (TMC) – Milho/Trigo/Soja/Subsistência	11	2.156,2
Familiar Tração Mecanizada Completa (TMC) – Soja/Milho/Leite/Eucalipto/Subsistência	7	1.876,9

Fonte: Dados da pesquisa.

Com a análise desses dados, é possível concluir que as atividades mais intensivas podem ser lucrativas, mas necessitam de mão-de-obra disponível e altos investimentos. O fumo é uma atividade bastante atraente para os agricultores que possuem pouca área de terra útil e necessitam ocupar a mão-de-obra familiar, o casal e filhos. Já a produção de aves, tem um condicionante que é o investimento, aonde

somente as famílias mais estruturadas economicamente têm a possibilidade de aderir a esse sistema de produção, não sendo um meio de desenvolvimento das famílias descapitalizadas ou em fase de descapitalização.

As atividades menos intensivas, como a produção de grãos é favorável para aqueles agricultores que dispõem de maior área de terra e com condições geográficas favoráveis, como relevo plano e solo fértil. Assim, fazendo uso de tecnologias, como sementes que proporcionam maior produtividade, uso de defensivos e adubos mais eficientes, além de maquinário, é possível ter rendimentos satisfatórios.

Em quase todos os locais aonde foram feitas as entrevistas e que produzem fumo, os agricultores relataram que plantam fumo por ser a atividade que mais gera renda em um pequeno espaço de terra, mas, se tivessem áreas maiores e como relevo menos acentuado estariam trabalhando com outras culturas. Essa aversão ao cultivo do fumo se dá pelo grande desgaste físico ocasionado durante o plantio e colheita e principalmente pela grande quantidade de uso de agrotóxicos.

## **5 LINHAS ESTRATÉGICAS DE DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA**

Com o estudo da realidade agrícola do município de Maravilha, foi possível identificar uma grande diversidade técnica-econômica entre as unidades de produção. Existem alguns tipos de agricultores com uma boa estrutura técnica para a produção, tendo a disposição máquinas e equipamentos de alta tecnologia, além de áreas de terra que favorecem uma boa produção. Em contra partida, tem sistemas de produção que fazem uso de técnicas e ferramentas rudimentares, realizando o trabalho manualmente e tendo rendimentos financeiros muito baixos.

Através dos dados obtidos na pesquisa e na análise econômica, foi identificado que as atividades desenvolvidas pelos agricultores é resultado de suas condições técnicas e principalmente econômicas. Cada sistema de produção tende a se adequar as suas peculiaridades, como as condições de relevo, área de terra disponível e os recursos disponíveis para desempenhar as atividades.

Para conseguir desempenhar suas atividades, os agricultores optam por culturas que são mais rentáveis em relação as suas condições, como o fumo que é rentável para os agricultores com bastante mão-de-obra e pouca área de terra, das aves que proporcionam bom rendimento financeiro para aqueles com maior potencial econômico para investir, do leite para os que possuem condições técnicas adequadas para essa atividade e os grãos, que proporciona bom rendimento para os agricultores que possuem maior área de terra, condições técnicas e econômicas.

Como já foi abordado na caracterização histórica e depois na avaliação econômica, ficou evidente que o problema existente no setor agrícola do município de Maravilha, é a grande diferenciação socioeconômica e técnica. Essa diferenciação teve início já no momento da colonização, aonde aqueles agricultores que possuíam maiores

recursos financeiros, adquiriram as melhores áreas de terra e passaram a produzir com mais intensidade.

A diferenciação se acentuou com o passar do tempo, aonde aqueles com maior poder econômico foram evoluindo e os demais ficam estagnados ou até mesmo, retrocederam. Sobre este viés, é evidente que o problema está relacionado com a incapacidade de reprodução socioeconômica dos agricultores descapitalizados ou em fase de descapitalização.

As políticas públicas, como incentivo para adesão a outras atividades, como a produção de leite e aves, indiretamente ou mesmo diretamente, foram direcionadas aos sistemas de produção em boas condições de renda. Aqueles que não dispunham de capital para investir acabaram por continuar praticando principalmente atividades para a subsistência.

Baseado nestes dados se faz necessário intervir em favor dos agricultores que não conseguem sozinhos sair da pobreza e chegar a ter uma remuneração suficiente para proporcionar excedentes econômicos. O fortalecimento do setor agrícola é fundamental para manter o progresso de outros setores, como o comercial e o industrial, assim, quanto maior o número de agricultores com capacidade de consumo e produção, maior será o desenvolvimento dos outros setores.

Para criar políticas públicas com projetos eficazes de intervenção, deve ser levada em consideração a individualidade de cada sistema de produção, como o tamanho das propriedades, o tipo de relevo e principalmente a vocação de cada agricultor. As atividades a serem implantadas ou melhoradas, devem ser aquelas que sejam lucrativas e que atendam a demanda de mão-de-obra daquele sistema de produção.

As atividades que mais agregam valor estão relacionadas a produção de frutas e hortaliças, principalmente se for no sistema orgânico. Com isso o agricultor pode usar pequenas áreas e ocupar a mão-de-obra familiar. A viabilidade dessas atividades pode ser comprovada através de exemplos com agricultores de municípios vizinhos, onde

aqueles que passaram a produzir uva, por exemplo, obtiveram maior renda por área do que com as atividades convencionais.

A produção leiteira é uma das atividades que pode ser melhorada, já que é percebida uma grande aceitação entre os agricultores. Para melhorar essa atividade, em primeiro lugar, deve ser feito um trabalho de qualificação técnica com intensidade entre os agricultores. Nessa capacitação deve ser evidenciada a importância da produção com qualidade e com quantidade por animais.

O que se percebe e pode ser comprovado pelos dados da pesquisa, é que a maioria das pequenas propriedades que produzem leite, dispõe de um rebanho com baixa qualidade genética, produzindo pouca quantidade de leite, além não ter instalações adequadas para essa atividade. Com o melhoramento da genética, esses agricultores poderão ter uma maior produção com menos animais, sendo compatível com pequenas áreas e produzindo leite com mais qualidade, principalmente sanitária, onde o valor pago por litro pode ser maior.

Para a viabilização de projetos de desenvolvimento para os agricultores descapitalizados ou em fase de descapitalização, é de fundamental importância a interferência pública, disponibilizando pessoal qualificado e principalmente contribuição financeira, através de financiamentos com juros acessíveis. Mesmo com a possibilidade de auto-organização, os agricultores necessitam de um acompanhamento externo, ajudando a formar grupos e até mesmo cooperativas.

O principal meio para ajudar a impulsionar a agricultura familiar, deve ser com a criação de políticas públicas de incentivo a produção de alimentos, com isenção de impostos sobre a matéria-prima necessária para a produção. Desta maneira, os pequenos agricultores terão a possibilidade de obter rendimentos satisfatórios com a sua produção e não somente os grandes produtores, que produzem grãos para a indústria de ração de combustíveis.

## CONCLUSÃO

O município de Maravilha é parte integrante de uma das últimas regiões do estado de Santa Catarina a ser ocupada, portanto, tem uma história recente, pouco mais de cinquenta anos. Durante esse período foram várias as transformações ocorridas na paisagem, na população e principalmente na economia. O setor agrícola, desde o início do processo de colonização foi o carro chefe da economia.

A colonização foi feita por agricultores oriundos do estado do Rio Grande do Sul e da região meio-oeste catarinense. Como a colonização foi organizada por empresa privada, as áreas de terra foram distribuídas de acordo com a capacidade financeira dos agricultores. Aqueles com maior capacidade financeira adquiriram os melhores locais, com relevo menos acentuado e áreas maiores, os demais acabaram por se fixar nas regiões menos valorizadas economicamente.

Portanto, a formação do município já foi feita de maneira desigual, tendo uma visível diferenciação entre as regiões. Ao longo do tempo essa diferenciação foi acentuando-se, principalmente sob a influência da revolução verde e da motomecanização, fazendo com que aqueles que dispunham de capital para investir, se integrassem nesse novo sistema e os outros menos capitalizados ficar a margem dessas mudanças.

Assim, devido à importância do setor e pela necessidade de estudar toda essa dinâmica, é que foi feita a análise diagnóstica da agricultura de Maravilha. Para efetuar a pesquisa foi usado o método da Análise e Diagnóstico de Sistemas Agrários, sendo dividida em várias etapas, entre elas a bibliográfica e a coleta de dados junto aos agricultores. As entrevistas com os agricultores foram de fundamental importância para analisar a real situação socioeconômica e técnica em que os mesmos estão inseridos.

Com o estudo, o município foi dividido em três zonas agrícolas, levando em consideração aspectos geográficos e de sistemas de produção. Os agricultores foram classificados por tipos semelhantes, principalmente sobre os aspectos econômicos e de produção. Foram identificados nove tipos representativos diferentes, representando os demais agricultores do município.

A primeira identificação é que todos os agricultores entrevistados fazem uso de mão-de-obra familiar, contratando terceiros esporadicamente, somente em alguns casos para a colheita do fumo e da contratação de serviço mecanizado para a colheita do milho. Outra divisão foi feita sobre o sistema de tração, tendo agricultores com tração animal, tração mecanizada incompleta e tração mecanização completa. E por fim, foi feita a análise econômica desses sistemas de produção.

O que pode ser notado é que cada família tende a adaptar o seu sistema de produção com as suas capacidades técnicas e econômicas. O tamanho da área útil para a produção é também fator determinante, principalmente quando se trata de atividades mais ou menos intensivas. Aqueles agricultores que possuem menos espaço útil e mais mão-de-obra são os que produzem fumo e os que dispõem de mais terra trabalham com grãos e gado leiteiro. Os que possuem maior potencial de investimento são os que estão inseridos na produção de aves e de leite.

O porquê de alguns agricultores desenvolverem uma ou outra atividade, não é uma questão de opção e, principalmente de condições técnicas e econômicas. O agricultor cultiva fumo porque é a atividade mais rentável em relação ao tamanho de sua propriedade, por que, se tivesse mais terra disponível e capital para investimento estaria trabalhando com outras atividades, que podem ser rentáveis, mas dependem de fatores técnicos e econômicos.

A produção de leite é umas das atividades desenvolvidas pela maioria dos agricultores. Também esta condicionada a fatores técnicos e econômicos, aonde foi verificado que a grande maioria dos agricultores possui um plantel com baixa qualidade genética e não possui qualificação técnica para desempenhar tal atividade. Já, aqueles produtores com melhores condições econômicas, que possuem áreas de terra adequada, gado de boa genética e capacitação, têm uma boa lucratividade com a produção de leite.

A produção de grãos, assim como as demais atividades esta condicionada as condições técnicas e econômicas. A maior produtividade por hectare esta nas propriedades dos agricultores capitalizados, sendo que estes dispõem dos mecanismos necessários para produzir com qualidade e quantidade. Nos sistemas de produção descapitalizados ou em fase de descapitalização é o oposto, a produção é baixa, sendo que na maioria dos casos a renda por hectare não é suficiente para custear as despesas.

O que pode ser feito para amenizar as diferenças existentes na agricultura de Maravilha, é promover políticas que venham a ajudar os agricultores que estão sem condições de promover a reprodução socioeconômica. Esses se não tiverem apoio externo, dificilmente vão conseguir aderir a novas atividades ou adquirir maior área de terra e equipamentos.

Aqueles agricultores que já iniciaram na agricultura em situação favorável, não necessita de tanto acompanhamento, sendo que possuem capacidade técnica e financeira para se inserir a novas atividades. São estes que acabam sendo beneficiados quando surgem novas alternativas, como a criação de aves, que teve a propaganda que seria uma atividade que iria promover a agricultura em geral, mas são somente acessíveis aqueles que já estão capitalizados.

## REFERÊNCIAS

ALBA, Maria Salete (Org). **Estudos de geografia agrária do oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2008.

**ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL**. Disponível no endereço eletrônico <http://www.pnud.org.br>, acesso em: 06 de junho de 2008.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Ciclos econômicos regionais**. Chapecó: Argos, 2005.

BELATO, Dinarte; BEDIN, Gilmar Antonio (Org). **Brasil 500 anos: A construção de uma nova nação**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

BRUM, Argemiro J. **O desenvolvimento econômico brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BUARQUE, Sergio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamound, 2006.

DUFUMIER, Marc. **Projetos de desenvolvimento agrícola: manual para especialistas**. Tradução de Vitor de Athayde Couto. Salvador: EDUFBA, 2007.

FROEHLICH, José Marcos; DIESEL, Vivien (Orgs). **Desenvolvimento rural: tendências e debates contemporâneos**. Ijuí: Unijuí, 2006.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1997.

FURTADO, Celso. **Introdução ao Desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GIALDI, Francisco. **Maravilha: sua terra, sua gente, sua história**. Porto Alegre: EST, 2003.

GUANZIROLI, Carlos E. **Agricultura familiar e reforma agrária no século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

LIMA, Arlindo Jesus Prestes de. **Administração da unidade familiar: modalidades de trabalho com agricultores**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas do mundo**. Do neolítico à crise contemporânea. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento local**. Chapecó: Argos, 2005.

PAULINELLI, Alysson. **A agricultura no processo de desenvolvimento brasileiro**. Pronunciamento do ministro da agricultura na escola superior de guerra. Rio de Janeiro, 1978.

PIAZZA, Waler Fernando. **Santa Catarina: História da gente**. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

PILATI, José Isaac. **História da colonização de Maravilha**. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1991.

PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 42 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: incluyente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SILVA NETO, Benedito, (Coord). **Estudo dos sistemas de produção agropecuários da região de Três de Maio/RS**. Unijuí, Ijuí, 1997.

SILVA NETO, Benedito. BASSO, David (Org). **Sistemas Agrários do Rio Grande do Sul**: Análise e recomendações de políticas. Ijuí: Ed Unijuí, 2005.

SILVESTRO, Milton Luiz; MELLO, Márcio Antônio; DORIGON, Clovis. **A agricultura familiar no oeste catarinense**. In: Revista Agropecuária Catarinense. v.14, nº2. julho 2001.

SILVESTRO, Milton Luiz (Coord). **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Epagri; Brasília: Nead/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

TESTA, Vilson Marcos et al. **O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense**. Florianópolis: Epagri, 1996.

TRENNEPOHL, Dilson. **A política agrícola brasileira**. Pontos para debate. Unijuí: Ijuí, 1993.

ZARTH, Paulo Afonso. **Do Arcaico ao Moderno**: o Rio Grande do Sul agrário do século XIX. Ijuí: Unijuí, 2002.

[www.maravilha.sc.gov.br](http://www.maravilha.sc.gov.br). Acesso em 05/05/2008

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)